

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Filosofia
Curso de filosofia

Gladston Marcelo Pereira do Vale

A “Morte” na Biblioteca de Nag Hammadi

Uberlândia 15 de dezembro de 2019

Gladston Marcelo Pereira do Vale

A “Morte” na Biblioteca de Nag Hammadi

Projeto de monografia apresentado ao curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia para a obtenção de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Junior.

Uberlândia MG

2019

Sumario

Resumo.....	4
Abstract.....	4
Epígrafe.....	5
Introdução.....	6
Agradecimentos.....	7
Dedicatória.....	7
I. Capitulo I: Da inexistência para potência da vida e morte.....	8
I.I Inexistência e vida.....	8
I.II Morte.....	15
I.III Existência e deixar de existir.....	19
II Capitulo II: Morte segundo os mitos, costumes e tradições.....	22
II.I Costumes e tradições.....	22
II.II Mitos - Os Hebreus.....	28
II.III O Evangelho.....	29
II.IV O gnosticismo na era pré-cristã.....	30
II.V A morte segundo os canônicos.....	33
II.VI A morte nos apócrifos.....	33
II.VII Os evangelhos perdidos.....	34
III Capitulo III: A Morte em Nag Hammadi.....	36
Conclusão.....	57
Referencias bibliográficas.....	59

Resumo

Este trabalho surge para reacender uma discussão já esquecida pela sociedade civil, pois é uma coisa presente, temida, mas pouco discutida; há situações que se faz evitar o assunto, de modo que ela reacende os corações das pessoas quando somente o fenômeno acontece no meio às famílias, mesmo no seio de uma família é pouco discutido e somente passa-se o tempo nas lamentações e contemplação da dor e da perda do ente querido. O trabalho mostra primeiramente a ideia de uma inexistência para o surgimento da vida e o surgimento deste fenômeno, Depois do fenômeno morte e sua participação natural na vida. Para adentrar no tema principal Nag Hammadi, falaremos sobre os mitos e costumes para se ter a ideia de como o mundo compreendem o fenômeno morte, em seguida para a compreensão do que significam Nag Hammadi, e de onde surgem os evangelhos perdidos. Por fim toda a explicação do fenômeno morte na própria biblioteca, assim poderá compreender como o fenômeno morte chega a te nós e como a entendemos hoje.

Palavra – chave: Vida, Morte, Existência, evangelhos perdidos, A biblioteca de Nag Hammadi, bíblia Sagrada, Cultura judaico-cristã.

Abstract

This paper aims to revive a debate already forgotten by the civil society, as it is ever so present and feared, but barely discussed. Many are the situations when one avoids this subject, but this phenomenon is brought up again in people's hearts only when together with their families, and even so it is barely debated. All we do is weep and grieve the loss of a dear one.

This paper depicts, in the first place, the idea for an inexistence of the beginning of life and of this phenomenon. After the phenomenon of death and its natural presence in life. To delve into the main theme Nag Hammadi, we will talk about the myths and customs so as to have an idea of how the world understands the phenomenon of death. Afterwards, for the understanding of the meaning of Nag Hammadi, and of the source of the lost gospels. Finally, a complete explanation of the death phenomenon as in the library, thus one will be able to comprehend how the death phenomenon appears to us and how we can understand it today.

Epígrafe

1

Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos
Covardes, estupradores e ladrões
Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa política e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso estado, que não é nação
Celebrar a juventude sem escolas
As crianças mortas
Celebrar nossa desunião
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade.

2

Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro e feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta de hospitais
Vamos celebrar nossa juíça
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água podre
E todos os impostos
Queimadas, mentiras e sequestros
Nosso castelo de cartas marcadas
O Trabalho escravo
Nosso pequeno universo
Toda hipocrisia e toda a indiferença
Vamos celebrar epidemias:
É a festa da torcida campeã.

3

Vamos celebrar a fome
Não ter a quem ouvir
Não se ter a quem amar
Vamos alimentar o que é maldade

Vamos machucar um coração
Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado de absurdos gloriosos
Tudo que é normal
Vamos cantar juntos o Hino Nacional
(A lágrima é verdadeira)
Vamos celebrar nossa saudade
E comemorar a nossa solidão.

4

Vamos festejar a inveja
A intolerância e a incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente a vida inteira
E agora não tem mais direito a nada
Vamos celebrar a aberração
De toda a nossa falta de bom senso
Nosso descaso por educação
Vamos celebrar o horror
De tudo isso com festa, velório e caixão
Está tudo morto e enterrado agora
Já que também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou esta canção.

5

Venha, meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão.
Venha, o amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça:
Venha que o que vem é perfeição

Perfeição: 1993

Musica: Dado Vila Lobos

Renato Russo

Marcelo Bonfá

Letra: Renato Russo

Introdução

Minha pesquisa surge no rol da comunidade católica em que participava, e da morte de minha mãe, em seguida a do meu irmão, e em tempos mais distante a morte da minha vó e em tempos longínquos a morte do meu amado vó e isso quando criança. Em meio o fenômeno e que nada entendia, mas sabia que é inevitável e é para todos advindos das crenças e tradições religiosas também culturais de nossa sociedade.

Ao me deparar com um livro sobre o tema, foi o estopim para a pesquisa, na qual primeiro vem com uma explicação da vida apesar de que Thomas Hobbes têm uma ótica da vida, segundo ele a vida é um movimento mecânico da matéria, mas a vida não é só isso, tenho uma convicção de que a vida tem uma junção de matéria, mente, pensante ou não, movimento, ambiente e evolução. Contudo é fácil identificar o que está vivo e o que não está, e com a evolução da biologia molecular os vírus é também seres vivos; O responsável para manter a vida nada mais é as moléculas de DNA, o verdadeiro dominante dos seres, ele se assegura, perpetua e evolui.

A morte é simplesmente uma conjunção da vida para que a vida tenha continuidade, ela está presente em um possível início da vida, em constância com ela até que a morte domina o ser, de modo que não acaba, pois ainda a vida persiste após este fenômeno, onde fica difícil definir o fim da vida. O leitor poderá ler a beleza da morte como ela entenderá a beleza da vida e da existência dos seres.

As tradições da morte que apresenta de uma não compreensão de nossos ancestrais e do sentimento de medo do desconhecido que é uma coisa presente nos animais, estas composições de medo, advindos para a comunidade a partir dos surgimentos das religiões, mantendo-se na vida cotidiana dos animais racionais. A cultura hebraica, por exemplo; segundo o seu entendimento da morte bem como a cultura judaico-cristã e a islamita, traz de forma bem resumida alguns arquétipo de morte nos textos canônicos, depois uma cristã tem interface também nos evangelhos perdidos, de modo que não concordo com o termo perdido, sendo o termo ideal é encontrado; depois de mais de mil anos, neste sentido, entro com os conceitos da biblioteca de Nag hammadi, que nada mais é uma cultura judaico-cristão e os arquétipos da morte que é encontrado, explicitando cada um deles com ou sem mencionar o termo morte.

Este texto pode produzir conhecimento ou repulsa segundo as crenças individuais do leitor, introduzindo no indivíduo as formas científicas da vida, da morte, dos costumes, da religião; as bases primordiais para a vida da comunidade atual.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a capacidade humana de aprendizagem, se não fosse por ela não estaríamos onde estamos, depois aos colegas de faculdade que foram criticando e elogiando de alguma forma. Aquelas pessoas que me abandonaram e manteve uma faculdade de mal-grado e inveja, elas que não tiveram a capacidade de buscar algo bom e movidos pelo capitalismo selvagem. Agradeço de coração aos que mantiveram um orgulho pelas conquistas alcançadas. Gostaria de mencionar o orgulho que minha pobre mãe sentiria ao saber que cheguei a este ponto, mas, o meu tema a levou consigo antes que participasse do processo.

Dedicatória

Dedico este projeto ao meu grande mestre e orientador Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior, aos mestres louváveis, no qual mudaram e formaram o ser humano que sou hoje o Prof. Dr. Jairo Dias Carvalho, Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Profa. Dr. Maria Socorro Ramos Militão, Prof. Dr. Anselmo Tadeu Ferreira, Prof. Dr. Alcino Eduardo Bonella, Profa. Dr. Georgia Cristina Amitrano Prof. Dr. Olavo Calábria Pimenta Prof. Dr. Luiz Carlos Santos da Silva, Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada, Prof. Dr. Fábio Baltazar do Nascimento Junior, meu grande mestre da língua grega, ao nosso estimado mestre que nos deixou no início do curso de 2013, Prof. Wagner de Melo Elias, fico muito grato por ter te conhecido, aos colegas de curso que conseguiram me compreender

Capítulo I

Da Inexistência Para Potência da Vida e Morte

I.I Inexistência e Vida

Antes do surgimento para vida, o que somos? Entes espirituais do mundo das ideias de Platão? Alguns teóricos afirmam essa tese, teóricos mitológicos andam de acordo com esta tese, é um não ser, inexistência, ou poderemos afirmar que é “morte” antes da existência? Questão que será difícil talvez de encontrar resposta, em todo o caso onde se inicia a vida? E onde ela termina? É no movimento da matéria entre prótons e elétrons ou tem que ser necessariamente seres autômatos. Em todo o caso não tem um argumento claro antes da vida. Da vida argumentaremos um pouco, pois, para dizer algo sobre a morte temos que no mínimo dizer sobre a vida, sua natureza e como ela pode ser suspensa, restaurada e socorrida, e acima de tudo, como a vida e a morte andam de mãos dadas pelo mesmo caminho e como a compreendemos. É como no sentido do bem e o mal andam na mesma trilha de mão dadas, pois, um não pode existir sem o outro. Não há como você saber o que é bem, ou o que é bom sem antes conhecer o mal ou mau.

Da para ver as coisas que estão vivas claramente e as que não estão! Contudo não é tão simples assim, pois se analisarmos os vírus e bactérias como vivos, fica uma natureza corpórea ou incorpórea difícil de classificá-los, e não os vemos e que muitos deles traz a própria morte para muitos seres vivos, pode questionar-se, a morte está viva? Analisando os termos biológicos que fundamentam a vida e evolução dos seres vivos e as moléculas do DNA

condutor dos processos dos seres que os mantêm, evoluem, reproduz, e evoluem principalmente, através da seleção natural, na qual incluem a endossimbiose (relação de simbiose em que um dos organismos vive no interior do corpo do outro, sem prejudicá-lo), de mesmo modo que os vírus. Sabemos que no DNA tem como função a replicação, mutação, desenvolvimento e transmissão. O DNA é tão importante na continuidade do processo vital que, qualquer alteração no seu material genético, pode provir grandes alterações no estado do sistema físico do indivíduo, ou seja, uma mutação na própria formação de um ser vivo, pois, a destruição do DNA levará o ser vivo a morte celular, prejudicando-o em grandes proporções, incitando a morte ao ser vivo. No entanto sua descoberta foi em 1889 por Johann Friedrich Miescher, bioquímico alemão, contudo, ainda não é esclarecido o surgimento do DNA, as probabilidades são sugeridas da evolução, a partir de moléculas replicadoras simples, isso quando planeta não continha vida e oxigênio. Entre gases de hidrogênio, metano, amônia, dióxido de carbono e talvez água sendo exposta a luz solar ultravioleta surgindo os aminoácidos, componentes básicos e importantes das proteínas, purinas e pirimidinas que são ácidos nucleicos do DNA E RNA, assim temos um dado científico e categórico para o início da vida no planeta e um dado na gênese do processo evolutivo.

Os entes que estão vivos e têm potenciais distintos para se manter ou se desenvolver, envolvendo-se em vários processos, incluindo a quimiossíntese, fotossíntese, respiração celular, germinação de células e manutenção da homeostase, denominando-os de “processos vitais”, chegando a ser uma definição, mas muitos autores e pesquisadores apresentaram varias definições da vida e ainda não chegou ao ideal, bem como a compreendê-los e como os seres vivos nos termos de suas habilidades as adquirem que são suas características e suas informações sobre o funcionamento interno dos seres vivos. Com melhores estudos poderemos compreender o funcionamento dos organismos dos seres vivos, como a nutrição e o crescimento ou a entelêquia (a realização plena e completa de uma tendência, potencialidade ou uma finalidade natural, com a conclusão de um processo transformativo até então em curso em qualquer um dos seres animados e inanimados do universo) e como um conjunto de forças que resistam à morte conhecidas como fenômeno vital, pois, se reduz a vida, ela é um processo físico-químico evolutivo que transcende a físico-química, também como uma regulação do dinamismo vital, tal qual, processa-se com a ajuda de alguns elementos microscópicos como a embriologia (célula-ovo) à genética (cromossomos), assim podemos compreender como a vida com os elementos microscópicos, agregados de átomos, ou havendo uma sensibilidade orgânica, elemento fundamental e animador de toda a atividade

vital, tanto dos processos mentais, como do corpo, a diferença é sublime, pois uma coisa é implantar os processos e outra coisa é implementá-los, constituído não só do mecanismo, mas, a própria manifestação da estabilidade vital, contudo, são muitas teorias e muitos cientistas que limitam-se a caracterizar as diferenças entre matéria viva e substância inerte (desprovido de movimento, que não dá sinal de vida; imóvel, inanimado), além, de teorias carentes como os mecanicistas, nos quais os fenômenos vitais são inteira e exclusivamente explicáveis pela físico-química, e os vitalistas, que admitem a existência de um fenômeno não definido, o princípio vital, que seria responsável pelas diferenças entre a matéria inerte e a animada, e temos o materialismo dialético que procura aplicar a natureza com os princípios da dialética e explica os fenômenos vitais como parte de um sistema em que tudo se modifica, em um incessante movimento de suspensão de umas das partes por outras; em forma de que não há fenômenos isolados, mas tudo está relacionado.

O modo de definir a vida nas conclusões apresentadas pelas formas de vida é na verdade problemática, pelo fato da multiplicidade, mas porque também as coisas não vivas têm muitas habilidades das coisas vivas, por exemplo, as coisas que tem vida artificial, que contêm as mesmas destrezas apresentadas pelas formas de vida comum, principalmente com o progresso e o avanço tecnológico, tornando este fato muito claro, de fato, apontam e relacionam como os vivos, muitos engenhos não vivos, fica muito clara a direção automática em veículos automotores. De modo geral, se aceita normalmente concepção de que a vida teria surgido graças à formação, em condições muito especiais, de compostos orgânicos e químicos, e que, devido justamente a uma condição atmosférica então existente hoje, que teria passado para a categoria de matéria viva, como os hidratos de carbono que teria sido os primeiros compostos orgânicos constituídos. Graças à ação de carboneto de ferro superaquecida, podendo conceber a formação de compostos orgânicos que apresentam diversos aspectos, como uma fotossíntese primitiva. De qualquer modo, até nos dias atuais, cientista apresentam trabalhos em laboratório para explicar a origem da vida ou até mesmo conceber a vida, mas não conseguiram, até agora, obter um ser vivo em laboratório, de fato, é um processo talvez impossível ou improvável, principalmente a partir do nada. Todavia, o passo importante para a compreensão do fenômeno da vida, em geral, parece ter sido dado com o estudo dos vírus, além de tudo inegavelmente seres vivos. O principal polímero formado por nucleotídeos que está detras de toda a evolução dos seres vivos é o DNA, comandante dos processos vitais e dos quais faz parte e se desenvolvem, se mantêm,

reproduzem e até evoluem por seleção natural, que desempenha quatro faculdades de agir, nas quais são, replicação, mutação, desenvolvimento e a transmissão:

Replicação: Faz reprodução fiel de si mesmo ou a multiplicação de uma célula por mitose, que é divisão celular que resulta na formação de duas células geneticamente idênticas a célula original

Mutação: ao transcorrer do tempo e espaço, suas cópias modificam dos originais que causam alteração súbita no genótipo de um indivíduo, sem relação com os ascendentes, mas passível de ser herdada pelos descendentes. Pois segundo a concepção da genética mendeliana, na qual, estas se processariam como uma modificação da carga hereditária por indivíduo, passando, por conseguinte, após seu aparecimento, a transmitir-se por hereditariedade. A influência do meio não provoca a mutação, mas pode determinar ou favorecer seu aparecimento, bem como, em outras circunstâncias, inibi-lo. O fenômeno da mutação já fora observado por Darwin, que não lhe atribuiu, porém, grande importância. Foram constatadas numerosas mutações em espécies animais e vegetais, chegando-se mesmo a conclusão de que determinaram a formação de diversas raças.

Desenvolvimento: cria e integram-se estruturas que dá impulso a longevidade, pois é um fenômeno pelos quais o elemento reprodutor se torna um ser adulto, de modo que passa um órgão até atingir o seu estado pleno, que não é mesmo que crescimento de um órgão, o crescimento nada mais é que o aumento das suas dimensões do órgão e as leis que regem este aumento. O Desenvolvimento se refere mais particularmente às modificações de funcionamento que o crescimento lhe traz.

Transmissão: passam mutações as reproduções fiéis, tornando as infíeis, inclusive de características pelas quais seus corpos replicam e modifica sensivelmente em processo de seleção natural.

Provavelmente as primeiras moléculas replicadoras, poderá ter aparecido da execução da natureza, em um acumulado de moléculas orgânicas com os minerais que apresentou como fluxo móvel e catalisador para o princípio vital. Existe a possibilidade de que o DNA evoluísse do RNA, que tem volume de unir replicas de si mesmo, podendo conceber complexos como os proto-organismos, subsequente em micro-organismos, em algum ponto da evolução e de fase em fase. Pois, estes organismos se desenvolvem e cresce constantemente, se sustenta com energia solar e atmosférica e modificando em formas

empregáveis, na fotossíntese, quimiossíntese, respiração etc., teoria que baseia que a vida regulamenta em autoperpetuação, com base sólida na replicação, principal mantedor da vida dos seres. Contudo, alguns organismos são híbridos, ou seja, resultam em cruzamento de organismos de diferentes espécies, via resultante para outros organismos.

Portanto algo tem ou está vivo se tiver a capacidade essencial de sustentar-se, autopresevar, como a auto preservação por meios de replicadores resistentes ao longo do tempo, ou seja, ter capacidade de sofrer mutações desenvolver-se, em seu interior, bem como transmitir mutações, com características semelhantes aos do DNA, e se estas coisas consiga autoperpetuar com base na replicação, conseguinte em dizer “que somos seres vivos”, entendemos que somos de várias maneiras, onde fica a questão! Podemos continuar então, a existir após a morte? Pois a corrente do essencialismo animal afirma nossa essência animal não passa de animal, em espécie humana, na qual eu que existo hoje, sou idêntico ao que existiu no passado somos o mesmo ser, se e somente se. O essencialismo mental afirma que somos mente e a explicação psicológica afirma que continuamos apenas de conservar a continuidade psicológica intacta. Com conceitos bem distintos, o animal racional (o homem) e o irracional (qualquer animal menos o homem), tanto o racional e o irracional é um ser vivo, não vegetal, não mineral ou unicelular, embora a distinção entre animais e vegetais, é bem marcante nos grupos superiores, se torne imprecisa, nos seres inferiores. Diferenças qualitativas não existem entre os dois reinos, animal e vegetal, pois que o protoplasma animal apresenta a mesma organização do funcionamento dos vegetais, o que difere do reino animal para o vegetal é, por via de caracteres de ordem quantitativa, isto é, algumas características de organização ou de mecanismos fisiológicos, comuns aos animais e aos vegetais, que sofrem maior desenvolvimento em um dos reinos, mas permanecem como residuais no outro. Caracterizam-se os dois reinos por tendências divergentes. Essa tendência é grandemente acentuada entre os animais e vegetais de organização superior. Por outro lado, não há um traço estritamente distintivo entre os animais e os vegetais inferiores; são conhecidos numerosos seres em que a organização e o funcionamento não apresentam nenhum índice de especialização, a maior parte desse organismo, pouco diferenciados ou indiferenciados, visivelmente primitivos, pertence ao grupo dos flagelados. Os dois reinos podem ser representados por uma característica, com os flagelados na base, dos quais tem origem aos animais mais os vegetais, dispostos um em cada ramo. Por exemplo, os cílios e flagelos que são idênticos, Pois, ambos são cilíndricos, ficam exteriores as células e são cobertos por membrana plasmática, internamente, cada um é composto por um conjunto de nove pares de

micro túbulos periférico de tubulina, circundando um par de micros túbulos central, como a dos seres humanos, em alguns protozoários, os tripanossomos causadores da doença de chagas o espermatozóide. Nos vegetais está em alguns organismos pluricelulares como nas esponjas, o batimento flagelar cria correntes de água que percorrem canais e cavidades internas, trazendo partículas de alimento. Constituindo um grupo de organismo inferiores, unicelulares, vivendo na água ou no meio líquido fisiológico; deslocam-se nesse meio por obra de flagelos, localizados geralmente nas extremidades do corpo, e que exercem função idêntica a de remos ou hélices.

A análise química dos seres vivos leva à morte destes, de modo que, ao tratar-se dos constituintes da matéria viva, faz-se referência aos que se encontram na matéria morta. Os principais componentes são o hidrogênio, o oxigênio, o carbono e o nitrogênio. A maior parte de toda a matéria viva é constituída de água. Da matéria que fica depois da desidratação, o carbônio constitui cerca da metade do peso. Os demais elementos entram em quantidades muito variáveis. Quase todos os íons conhecidos entram na composição da matéria viva, sendo alguns indispensáveis a existência e desempenhando importante ação catalítica. Uma das propriedades da matéria viva consiste justamente em concentrar certos íons em proporções muito superiores às do meio ambiente. A matéria viva consegue realizar em frações de segundo reações que os laboratórios só realizam com o trabalho de muitos dias, com grande dispêndio de energia e com o emprego de reagentes muito violentos. As atividades vitais sempre se acompanham de trocas elétricas. Outra propriedade importante da matéria viva é a sua atividade óptica. Dinamicamente, ela se encontra, em perpétuo desequilíbrio, sendo necessária certa quantidade de energia a fim de manter a integridade. Faltando essa energia o corpo morre. As fontes de energia de que um ser vivo dispõe são de duas formas: a energia química, fornecida pelos alimentos, e a energia de radiação, que atinge a superfície do corpo. Devido à clorofila de que são providas, as plantas utilizam consideravelmente a energia radiante, ao passo que os seres que não possuem aquele pigmento utilizam principalmente energia química. O emprego de isótopos radioativos permitiu acompanhar um átomo no seu trajeto dentro de um organismo vivo e levou a conclusão de que, num ser vivo cada sistema químico permanece em constante estado de trocas iônicas. Irritabilidade, adaptabilidade, etc., são outras tantas características inerentes a matéria viva. Contudo, podemos dizer é quase improvável apontar o início da vida bem como o fim dela, para entender este processo, percorreremos os critérios da morte. *A filosofia da morte/ Steven Luper; Tradução Cecília Bonamine. São Paulo: Madras 2010*

Pra um ponto de vista humano os espermatozóides são: testosterona, hormônio luteinizante, hormônio folículo-estimulante e estrogênios, no qual cada um exerce uma função para dar continuidade à outra vida, advindos de uma vida, de células vivas, para a formação de outra célula viva, que vai dar origem a um ser vivo e posteriormente a outras células vivas. Neste ciclo, a importância de cada fator espermatogênese e a essência vital; a testosterona é secretada pelas células de *Leydig*, essencial para o crescimento e a divisão das células germinativas da formação dos espermatozóides; uma esteróide anabolizante desempenha na produção de tecidos reprodutores, características sexuais, aumento da massa muscular e maturação dos ossos e o crescimento do cabelo corporal; o hormônio de luteinizante responsável para estimular as células de *Leydig*, o hormônio folículo e responsável para estimular a célula de *Sertoli*, os estrogênios que são formados a partir da testosterona pelas de *Sertoli*, além de ser responsável para o amadurecimento do espermatozóide e, por fim, o hormônio do crescimento responsável e necessário para controlar as funções metabólicas nos testículos, promovendo a divisão dos espermatozóides. Já o óvulo ou gameta feminino, uma célula haplóide, formado após a meiose de uma ovogônia, uma fusão do núcleo do óvulo haplóide, incapaz de se mover, uma célula grande comparada com as outras, tudo tem início pelos hormônios da hipófise, o LH e o FSH, pois, eles estimulam as células dos ovários a produzir seu próprio hormônio, chamado de estrógeno. Uma vez a cada mês, esses hormônios provocam uma maturação de um ovócito dos ovários. Essa maturação dura por volta de 12 a 14 dias. O ovócito maduro rompe o folículo, uma estrutura parecida a uma vesícula ou a uma minúscula bolha na superfície do ovário. Esse fenômeno é chamado de ovulação e acontece muito próximo às franjas da tuba uterina. Na ovulação, o ovócito sai. O folículo maduro que restou dele passa a ser corpo lúteo, primeiramente fica um hematoma, um coágulo central dentro do folículo maduro, em volta das células foliculares e da teca. As células da teca e as células foliculares vão exercer influência em um hormônio que é o LH um hormônio luteinizante. Esse hormônio vai luteinizar essas células e as células foliculares agora passarão a ser células granulosas luteínicas. As células da teca passarão a ser células tecoluteínicas. As células granulosas luteínicas crescem tanto, que o hematoma do corpo lúteo ou corpo vermelho desaparece. O corpo lúteo tem um vasto aumento, as células se enchem de grãos de luteína, em seguida as células ficam então granuladas, de modo que, o corpo lúteo vai existir até um determinado tempo, por fim, luteína aparece em função do hormônio luteinizante. Neste processo todo se não houver gravidez, esse hormônio para de ser produzido pela hipófise. Neste ciclo humano percebemos que são vidas germinando vida e se misturando

com outra vida. *Histologia Básica – L.C. Junqueira e José carneiro – oitava edição - editora Guanabara koogan S.A.- 1995 - Rio de Janeiro*

Morte

A morte tem sido argumentada como o fim da vida, falta de movimento, a dissipação das funções vitais, mas, existem teorias que afirma a manifestação da vida após a morte, o início da decomposição do corpo, antes vivo, Pois, há teorias que sustenta a existência de algo além do corpo. A morte corresponde à derradeira etapa na existência de todo ser vivo, animal ou vegetal, Pois todos nascem, alcança a uma fase adulta, com plenitude de suas funções biológicas e com robustez, que prolonga até a velhice de forma que a arcabouço chega ao máximo, com a principal característica da capacidade de reproduzir, envelhecer que é a chegada do máximo em que começa a decair e definhar, por fim morrer, embora o processo possa a ser ocasionalmente, interrompido em qualquer uma dessas fases, sobrevivendo então à morte antes de atingida a fase final do desenvolvimento tanto animal como vegetal. Essas diversas etapas correspondem a diversos tipos de metabolismos: no período inicial do desenvolvimento, a assimilação é superior a disseminação; na idade adulta há uma igualdade entre assimilação e disseminação; na velhice, o processo é contrário, a disseminação tem supremacia sobre a assimilação.

Todavia, insatisfatórias as próprias definições existentes de vida, no mesmo contexto a definição de morte tem a mesma ideia, caracterizada como fim, a ausência daquela que antes existia. Em relação a cada ser vivo, costuma-se considerar a morte como a paralisação do funcionamento do sistema orgânico, em relação ao homem e outros animais superiores, tal paralisação tem sido considerada como a cessação do funcionamento do coração. No entanto, verificou-se que, no ser humano que morreu continua a processar-se diversos fenômenos fisiológicos, em parte isoladas do corpo, principalmente com o avanço tecnológico e científico, pois, observou que mesmo que pare o coração ou o cérebro, observou que um ou outro ainda continua em funcionamento, ou vise e versa, há casos mesmo que o cérebro pare, muitos processos fisiológicos continuam exercer suas funções, como o coração, a medula, por exemplo; também outros órgãos, que pode servir para transplante; os espermatozoides continuam vivos por horas após a morte do animal que os produziu. Há vários tipos de

movimento que se processam nos cadáveres, além do mais, em um corpo vivo células morrem e outras nascem como as bactérias e fungos, sendo, por conseguinte, muito complexo o limite entre a vida e a morte, pois em todo ser vivo algo morre para que o ser continue vivo, enquanto, no morto, e apesar de sua morte, há células se reproduzindo e dando origem a outras.

Na decomposição da matéria orgânica, em especial de proteínas, causada por microrganismos, que é efetuada dos germes acompanhada pela produção de novas substâncias, trata-se de um tipo de especial de fermentação causada à custa da matéria orgânica, morta. Rigorosamente, é uma decomposição anaeróbia das albuminas. Com a intervenção dos microorganismos específicos, ocorre uma ação enzimática, por meio de proteases, deaminases, decarboxidasas. Matéria orgânica inserida em forma de alimento a micróbios em grande quantidade.

Apesar de a velhice ser um presságio para a morte, envelhecer não é exatamente morrer, contudo, os dois fenômenos superpõem-se admiravelmente, pois, quando somos postos diante de um fato diferente do envelhecimento, como um tiro de arma de fogo, uma facada, ou, envenenamento, isso causa uma morte das células instantaneamente, no mesmo processo, são as doenças que causa um desarranjo no organismo, no mínimo alteração ou perturbação das funções orgânicas, resultando em grandes e graves patologias, provocada por fungos, vírus, bactérias ou outros de origem não parasitária, como por exemplo, adubos químicos e pesticidas usados nas lavouras, onde suas moléculas causam varias doenças, acelerando o processo de morte, mesmo que desordenadas, é uma morte declamada de necrose ou patológica, fazendo que as membranas das células deixem de trabalhar ajustado, causando o inchaço das organelas e explodindo as mesmas, destruindo o sistema das células, primárias e secundárias, depois outro e outro, pois os líquidos celulares vaza causando inchaço e inflamação, tornando tudo nocivo. Pois esta situação não é provocada pela própria célula, são mortas pelo dano causado. O que acontece com vírus, bactérias e fungos, alguns pode parasitar o ser vivo e outros; como o vírus, por exemplo, que invade a célula transcrevendo seu material viral para a célula depois copiando outra e depois outra causando a morte. No processo dito pela normalidade as células de organismos multicelulares se extinguem em uma ação continua planejada pela natureza chamada de apoptose. As células são absorvidas pelas enzimas diminuindo-as, as organelas e núcleo das células se partem que são envolvidas pelas células fagócitos absorvendo-as lançando sinais químicos para coibir o edema. Quando a

célula machuca ou infecciona, ela mesma faz a apoptose, as células são destruídas pelo sistema imunológico infectadas por vírus.

No organismo em crescimento a apoptose desempenha um papel importante em sua formação, é como a morte ajuda na formação da vida, na formação dos dedos dos embriões e galhos que morrem ao nascer para dar origem a outros galhos.

Envelhecer é um processo biológico em que consiste na fase em que os organismos perpassam pelo tempo e gradativamente diminui a capacidade de se conservar e corrigir, envolvendo a senescência replicativa, isto é, incapacidade de se dividirem novamente mesmo que o meio continue favorável à manifestação da vida. Está pesquisa é observada claramente nos agrupamentos de protozoários de água doce que é constituinte a antiga classe infusória, incluindo os ciliados, flagelados e protozoários com tentáculos, pois, na classificação moderna, o termo é levado em conta muito arcaico, contudo, a maior parte dos microorganismos incluídos na pesquisa, anteriormente no grupo, está compelida ao reino protista; decorrentes nas células somáticas, limitando sua divisão em poucas vezes, as células somáticas é a maioria no corpo, não tendo mais a capacidade de se multiplicar-se; neste sentido, resulta na diminuição dos telômeros, ou seja, seqüências repetidas de DNA nos limites finais dos cromossomos, os telômeros não se dividem integralmente, escolhendo quando e como, pois, deste modo, as células não poder se dividir mais, deixando de produzir a telomerase, que é basicamente um rejuvenescedor de linha celular, sem sua produção, não atinge as células somáticas, que são chamadas “mortais”, o que são poucas produzidas, atingindo somente as células chamadas “imortais” as reprodutivas, troncos, cancerígenas, algumas eucariotos unicelulares (paramécios). O apoptose não só é iniciada no desaceleramento do telômero, mas também por prematuridade, pela atividade dos genes cancerígenos, causando danos do DNA, estresse oxidativo, por radicais livres, ou quaisquer outros meios. Contudo, as células perdem os telômeros e os cromossomos não perdem os telômeros, ficando enormes na velhice, que concede não mais que 20 duplicações e somando o dano às macromoléculas (DNA), células e tecidos, tornando o ser cada vez menos incapaz de conservar e proteger, ficando mais disposto a doenças.

Então, o envelhecimento dispõe-se o ser para a morte, de modo que, não é morte, mas tudo está para tal, a senescência replicativa mantém por um tempo, a apoptose e necrose é a morte, uma é morte celular e outra é quanto aos tecidos podem morrer. Mas é sucinto existir, viver, inexistir ou morrer, considerar o fim de uma vida sendo a incapacidade dos processos

vitais, nada mais é, do que um processo progressivo e sequencial dos eventos naturais até seu fim. A morte é o mesmo que nascer, quanto o feto é empurrado pelas contrações e nasce, para se entender melhor o nascimento, qual ser tem lembrança e viu seu nascimento? Pois não há como ter precisão de um nascimento e muito menos do processo vital, no mesmo sentido, o marco da morte é indeterminável, mesmo com um tiro de projétil que atinge o cérebro, falte oxigênio, etc., os tecidos levem um tempo para morrer. Quando falamos de vida e morte, referimos em um processo curto ou longo, havendo algumas possibilidades existentes para chegarmos a uma resposta concreta.

Uma das possibilidades é a morte conclusiva, o fim da vida. Outra é a possibilidade de morte, um processo, que se alonga durante um tempo, de modo que os processos vitais continuam e morrem quando os processos se extinguem, neste paradigma, existem conduções, em que o ser morra antes mesmo que a morte conclua seu processo final. Talvez, como última possibilidade de morte é quando o corpo do ente atinge vários sistemas fisiológicos, e pare de funcionar, que seja impossível retornar ao processo anterior, mas quase é a mesma coisa que as outras possibilidades, todos por fim tem que haver a consumação de morte. Para determinar a morte por completo a sugestão é que a ocorrência em níveis, tendo como um fim a morte e seus produtos interposto, podemos dizer que morremos, mas parcialmente ainda temos vida, das possibilidades ainda podemos estar vivos em um processo até seu fim, quando a morte se completa o processo. *A filosofia da morte/ Steven Luper; Tradução Cecília Bonamine. São Paulo: Madras 2010*

Uma coisa é uma vida acabar e outra ela ter sido acabada. A vida de Sócrates chegou ao fim, sua morte ocorreu, em algum momento de 399 a. C. Dali em diante, sua vida permaneceu acabada, deixando-o morto. Como o termo “construção, o termo “morte” é ambíguo: pode ser um processo ou um produto (resultado) de um processo. “Morte” pode-se referir tanto aos eventos pelos quais uma vida acaba como a condição ou às circunstâncias de seu termino, o que é relativamente simples. Na entanto, vejamos se é possível esclarecer os eventos pelos quais a vida acaba (A filosofia da morte/ Steven Luper; Tradução Cecília Bonamine. São Paulo: Madras 2010.)

Existência e Deixar de Existir

Existência em sentido lato é o estado de toda a realidade, enquanto existe como tal; em sentido específico, é o estado da realidade, que pode ser objeto de uma experiência sensível, enquanto vivo e racional, por conseguinte, a existência distingue-se tipicamente da essência, que é realidade conceitual, ideal, vivo ou não vivo, ou de forma inteligível atingível somente pelo pensamento, enquanto a existência acrescenta um quê, do modo que está tenha um lugar no mundo, entre as coisas diretamente experimentáveis. A essência dos universais, opõe-se aos particulares. O exposto acima constituiu apenas uma generalização dos conceitos e uma simplificação de um problema muito mais complexo. Pois, a relação entre essência e existência preocupa muitos estudiosos do passado e presente, apresentaram a existência dos particulares como dependente da essência dos universais, a uma universalidade maior, correspondente ao mais alto grau de uma existência, e o universal absoluto. Consideraram a existência como implícita na essência, ou sobre o fato de que a existência nada acrescenta a contextura conceitual de um objeto, indicando apenas sua posição como real. Tornando a existência a ser concreto, o momento ideal, uma quarta categoria da lógica, seguindo ao ser, ao não ser, e ao vir a ser. Consideraram como o primado do existente, ou aparecendo antes de tudo, como o existente, mas, sendo existente aquilo cujo ser consiste na subjetividade. Estabelecendo uma formulação diferente para a relação entre essência e existência, mas afirmando sempre o primado desta, por fim, a noção de existência é submetida a tal análise lógica, que fica reduzida a noção de algumas vezes verdadeiro. Então a relação à existência vital e o existencial? A essência da vida na morte de um ser é a separação dos atos vitais, no que tange se conserva. É plausível dizer que morte é uma exterminação? A inexistência é a mesma coisa que morte? Existe uma possibilidade de morrer e ainda manter-se vivo ou existir? Pois, há analistas afirmando que existe esta possibilidade como cadáveres pelos desmembramentos ou congelamento dos cadáveres “os restos mortais” estão mortos, em estado perfeitos, os corpos, perderam só a vida? Ou perderam tudo, em uma questão mais absoluta o que perderam de fato, concreto e real.

O que acontece com as amebas quando elas se dividem em duas amebas, mas, nem uma delas e a verdadeira são duas cópias da original, mortas, mais, vivas, no mesmo sentido a lesma como organismo vivo, morre e continua existindo e os amebócitos que tomam diversos caminhos, ficam possíveis que a “divisão” de um fim ao ser, mesmo com as funções do

cérebro, no mesmo tema, é possível que seres humanos percam a existência com a perda da identidade, vão embora sem morrer. Incluindo a divisão no conceito de morte é possível incluir a perda da identidade como morte. A demência grave tem possibilidade de conceder termo à existência humana sem acabar com o ser pensante, ou seja, é possível ser homem sem ser racional e ser o mesmo homem, sobrevivendo como cérebros ociosos.

Uma coisa é explicar o que é a morte, outra coisa é determinar sua exata ocorrência, principalmente em seres humanos, a sua pessoa e sua mente, as distinções fundamentais para a morte, até no último século, era a parada do coração e dos pulmões chamada morte clínica atestada por representantes da saúde, hoje mesmo com a morte clínica ainda é possível manter a vida por artifícios, e os mesmos não são partes essenciais para vida, podendo trocá-los e substituí-los por aparelhos e máquinas que são artifícios que mantêm a vida por um período de tempo. Outra distinção fundamental é a morte encefálica, que tiveram início a partir dos anos de 1950 com neurologistas franceses, introduzindo o *coma dépassé*, percebendo está morte nos respiradores. Mais tarde na escola de Harvard surgiu um comitê para regras para definir a morte encefálica, em Minnesota outro estado Americano, cientistas definiu que a morte está no dano irreversível no tronco encefálico, chamado de “ponto de não retorno”. Não o bastante, em 1981 uma comissão de ética da medicina e na biomédica, desenvolve um relatório com definições jurídicas para a morte, certificando que:

(Um indivíduo que mantém (1) a interrupção irreversível das funções circulatórias e respiratórias ou (2) a interrupção irreversível de todas as funções do cérebro como um todo, inclusive do tronco cerebral, está morto. A determinação da morte deve ser efetuada com base nos padrões médicos aceitos.) (An individual who has sustained either (1) irreversible cessation of circulatory and respiratory functions, or (2) irreversible cessation of all functions of the entire brain, including the brain stem, is dead. A determination of death must be made in accordance with accepted medical standards.)

Nos EUA passou a vigorar o decreto jurídico em que a morte está determinada na paralisação do funcionamento cerebral, semelhante processo ocorreu na Europa, mas, com o critério de morte cerebral que é o mesmo que “morte permanente e funcional do tronco cerebral”. O consenso geral para definir a morte é quando as pessoas pensantes morrem e suas vidas terminam, mas menos claro o que constitui o fim da vida de uma pessoa pensante, alegação de que a morte pode prejudicar o indivíduo que morre, no qual, os eventos que ocorrem depois que um indivíduo morre e ainda podem prejudicar este indivíduo, pois, a ideia

enquanto a morte prematura é uma desgraça, não é uma coisa boa, nós não somos imortais, já que não podemos continuar a ser quem somos agora e permanecer significativamente ligados à vida para sempre. Pode ser que, ao confirmar nossa concepção de nosso bem-estar e ao alterar nossas atitudes, possamos reduzir ou eliminar a ameaça que a morte nos coloca. Mas há um caso a ser feito de que tais esforços saiam pela culatra se levados a extremos. A morte é o fim da vida, isto está claro, mais, para elucidar ainda mais a morte, falamos um pouco sobre a natureza da vida e perguntar se a vida pode ser suspensa ou restaurada e como ela se relaciona com nossa existência continuada. Podemos também distinguir entre o conceito de morte e os critérios pelos quais a morte pode ser percebida.

Capítulo II

Morte Segundo os Mitos, Costumes e Tradições

Costumes e Tradições

O argumento central para nós é em que arqueólogos necessitam de um corpo (objeto), de uma teoria para anexar os dados mortuários à disposição deles, com os padrões de comportamento humano dentro de uma sociedade do passado remoto ou contemporâneo, pois, isso nos dá uma ideia do que as sociedades remotas faziam, mas, porque eles faziam, depende do que estamos aprendendo de outras origens ou da imaginação; assim sendo.

Os costumes e concepções de um povo, em relação ao fenômeno da morte variam consideravelmente com o grau de civilização. Os ancestrais que tem a tendência de considerar: o que existiu, continua vivo e ha de existir eternamente, do mesmo modo está presente na mitologia. Em cunho religioso encontrou-se ossadas de animais reunidas propositalmente com grandes números de crânios conservados para fins religiosos, além de ser encontrado nos paleolíticos pedaços de ossos representando figuras humanas, animais, ou mesmo gravadas e pintadas em pedras, podendo ser objeto de um interesse não material, como os ossos encontrados nas sepulturas com outros objetos dando uma representação simbólica, bem como corpos encontrados dobrados, entendendo o medo pelo morto, outro sentido da posição fetal é introduzido na terra como para um retorno. Foi encontrado nas cavernas homens mascarado, com rostos de pássaros, orelhas e armação de renas, corpo e calda de cavalo, sexo colocados como de um felino, patas de urso ou mesclando animais com pés de homens, dançando como um feiticeiro. Traços de criaturas fantásticas com contornos amiboides, animais raros, monstros, seres imaginários conhecidos pela tradição oral. *As religiões da pré-história (lês religions de la préhistoire)* Adré leroi-Gourhan - tradução: Maria Inês da franca Sousa ferro - edição 70 – Lisboa- 2007

A morte do corpo é atribuída por vezes ha espíritos ou a feitiçaria, há culturas que relaciona a morte com as fases da lua, outros povos, com a serpente e a renovação da pele, alguns crêem

que os mortos ficam vagando pelo mundo e o universo, outra crêem que tem como destinos planos superiores e inferiores, há crendices que viemos de outra vida, depois da morte de um ser passa-se algum tempo ressurgindo em outra vida. Existem tradições que o morto contagie a pessoa que se aproxime dele, de alguma forma, muitas vezes, as pessoas que o velaram ou o vestiram são obrigadas a um período de jejum, pois se acredita que, tocando em determinados alimentos, a pessoa que cuidou do morto irá contaminar todos os demais. As cerimônias mortuárias variam de um povo para outro povo, relacionando-se geralmente com as crenças nos espíritos, em que para algumas crenças o espírito é uma forma humana de pura luz, outras e forma de ar, para alguns simplesmente é mente, consciência ou pensamento.

A religiosidade não é só feita de religião, englobando em bloco um cortejo de factos fisiológicos e psicológicos que criam um campo emocional no qual a explicação racional não ocupa o primeiro lugar. É abusivo tentar aplicar os resultados aqui-seculares do pensamento intelectualista de uma minoria erudita, aos homens de um início e de procurar oferendas, sacrifícios ou cultos, na ausência de documentos irrefutáveis. Inversamente, seria também excessivo não imaginar um princípio para aquilo que é universal nas épocas mais recentes. Factos suficientemente controlados bastam para estabelecer que praticas não orientadas para as técnicas da vida material existiram antes do homo sapiens; denominemo-las religiosas, uma vez que testemunhavam um comportamento que ultrapassa a vida vegetativa, mas aguardemos que os especialistas do Paleolítico anyigo e médio pesquisem melhor a fim de dispormos de materiais talvez mais explícitos. As religiões da pré-história (lês religions de la préhistoire) Adré leroi-Gourhan - tradução: Maria Inês da franca Sousa ferro - edição 70 – Lisboa- 2007

A não compreensão das enfermidades das causas da morte, ou, o medo dela, de fato, o não entendimento do que é a morte, ou, do que está acontecendo sem ter uma explicação lógica do fenômeno, constitui importante passo na evolução de cada povo ancestral. Existem povos que cremam os corpos dos seus mortos por ser considerados impuros, devendo tomar banho antes do retorno para casa, tem povos que não costumam ir direto para sua residência; os familiares mais próximos mudam o caminho, param nas residências vizinhas e pedem algo doce para ingerir, pois, o desvio do caminho é feito para “desnortear o anjo da morte” e o doce ingerido anular o amargor causado pela morte. Nos tempos remotos da pré-história, as informações que temos dos primeiros homo sapiens no período paleolítico, no qual, foram

desenterrados e enterro dos mortos pode ser uma das primeiras formas de prática religiosa da história, podemos dizer que pode significar uma preocupação com os entes mortos, resposta pelo que transcende a vida e morte; foram encontrados vestígios nas sociedades neandertais adoração a animais com uma forma de totemismo. No período neolítico, Os achados arqueológicos como escultura de pequenas dimensões (estatuetas) construindo em rocha rupestre, pode ser provas dessa religiosidade. Sendo que, as fontes disponíveis que temos, são mais para a idade do bronze, descrevendo uma sociedade matriarcal de adoração a uma provável deusa, umas de aves e uma de urso. Nas primeiras comunidades neolíticas se estabelece em um território, dedicando-se ao novo aprendizado, o cultivo agrícola e a domesticação de animais passando para a criação dos mesmos, produção de fermentas e armas de rocha e cerâmica, saindo das cavernas e construindo casa de barro e madeira mais próxima as fontes de água, muros e templo para culto a deuses ou um armazém, uma verdadeira divisão do trabalho formando inicialmente a sociedade. O homem ancestral que por “*medo*” não tem uma compreensão deste fenômeno natural, acaba criando entes superiores, principalmente pelo “*medo*” da morte, a morte do homem ancestral se acontecesse totalmente por via natural e não pelos múltiplos perigos de que ele vivia, além das doenças que surgia na época, passando a atribuir o fenômeno a manobras de agentes sobrenaturais ou casas desconhecidas, constitui uma maneira de defender-se da natureza. *Porque Não Sou Cristão e Outros Ensaios Sobre Religião e Assuntos Correlatos - Bertrand Russell – tradução de Ana Ban - Porto Alegre, RS : L&PM, 2013.*

O homem carrega consigo uma vontade de se encontrar com os parentes falecidos, neste ou em outro mundo segundo muitas crenças; cooperando pelo surgimento da “*fé e da esperança*”, pois, este homem ancestral se maravilhava com os espectros que viam durante o sono e das imagens dos entes e conhecidos mortos. Passando a enterrando-los para não voltarem após sua morte, chegando a colocar pedras pesadas nos túmulos além de amarrar os corpos. O homem ancestral era e ainda é sujeito a natureza principalmente sobre enigma da morte, onde a natureza se ergue em um cálculo preciso da vida e da morte, majestosa, inexorável, implacável e para muitos, cruel; nos traz a mente, a nossa fraqueza diante dos fenômenos, e a nossa impotência. Pois, a religião tem que ser encarada pelo fato de que as forças da natureza são impessoais e hostis; remete ao homem alguma forma de resgatar alguma coisa ou marcar sua vida com algum significado mais permanente para além vida, para isso foi necessário criar um universo menos hostil e mais benevolente para si, algo deste modo poderia ser da imaginação e nunca da realidade como a vemos, neste sentido, em quanto uma religião prover consolação, quanto mais ela pode conduzir fantasia e ilusão, uma

“realidade fantástica” esta religião atrai seguidores, esta é a essência da ilusão religiosa. Fica resplandecente em que o material coletado pelos antropólogos e arqueólogos, não fornece a explicação exata para defender o ponto de vista de que a consciência humana da morte que levou-o a engendrar a religião, como um equilíbrio pelo medo em que a consciência manifesta. *A História da Raça Humana – Através da biografia – Henry Thomas 5ª edição; tradução de Gilberto Miranda - Livraria do Globo- Porto Alegre: Globo, 1947.*

Com as cidades formadas e organizadas espalhadas pelo globo terrestres, começaremos a argumentar pela mesopotâmia, uma das primeiras civilizações organizadas localizada entre os rios Tigres e Eufrates, no qual os mesopotâmios eram politeístas relacionados à natureza e as cerimônias realizadas por sacerdotes e sacerdotisas, com cultos a um determinado deus, comumente nesta época as cidades por terem um deus protetor onde se construía um templo principal. Os Egípcios que se localizavam a nordeste da África as margens do Rio Nilo formados por clãs denominados com o nomos, no qual os líderes eram os monarcas, por volta de 3500 a. C. formaram dois reinos um ao norte e outro ao sul. Uma monarquia teocrática, onde, o poder político e religioso ficava concentrado no poder do soberano, considerando um deus, com caracteres politeístas, cujos deuses representavam as forças e fenômenos da natureza, na qual, o muito dos deuses representava em forma de animal ou mesclava animal e humano, nas cidades erguia templos para um determinado deus cultuando-o, prestando homenagens, oferecendo tributos; continham sacerdotes responsáveis aos cultos, acreditando que os deuses tinham os mesmos desejos humanos e cultuava a crença que o faraó tinha uma condição divina, pensava-se que poderia controlar a natureza o seu favor, na vida após a morte, imaginando que os mortos seriam julgados e seriam devolvidos aos seus próprios corpos, eles precisavam ser conservados pela mumificação, sendo uma cultura mais otimista diante da morte, encarada como uma forma de libertação, não resta dúvida de que eles em fim desenvolveram crenças fortes e substanciais numa proveitosa continuidade da vida pós-morte; no livro chamado “o livro egípcio dos mortos” se oferece aos mortos meios para negociar qualquer tipo de obstáculo, como os mitos de Ísis e Osíris, uma expressão simbólica à renovação da vida, erguendo moradias permanentes para os mortos. A morte não é olhada de frente como a destruição imediata de um indivíduo; os costumes da morte estão relacionados com o processo contínuo e eterno, para a sociedade que assiste o morto, de alguma forma ajudá-lo a ultrapassar o nível terreno para uma condição estável do antepassado, pois, a crença de que a morte não é natural persiste em algumas culturas. *As primeiras civilizações / Jaime Pinsky - 20.ed. Nova São Paulo: Contexto, 2001. A magia egípcia: pedras, amuletos,*

fórmulas, nomes e cerimônias mágicas / E.A. Wallis Budge ; tradução: Lara Glaucia Ceciliato. São Paulo: Madras, 2003.

Na concepção judaico-cristã o cerne está no medo da morte sem explicar o que ela é, de modo que fenômeno morte é o salário do pecado, ou seja, ações segundo os vícios, que vão de contra as leis ou a vontade de Deus, os atos repugnantes são justificados com a morte. Não é simplesmente só isso, no judaísmo o princípio está contido no mandamento “*shema Israel*” (*Bíblia sagrada, Deuteronômio 4: 4 a 9. tradução da CNBB.*), na qual, foi um processo ao longo do tempo de maneira crescente na história, considerando as tradições pagãs dos povos em que nos judeus surgiram podendo haver traços de henoteísmo, ou seja, uma culto de uma única divindade, julgada extrema, mas sem negar a existência de outros deuses, segundo a algumas exegetas da bíblia contém a passagem de henoteísmo para o monoteísmo; em um grupo de parentesco nômade considerando um povo constituído de descendência comum e coerente, de um mesmo patriarca, os “filhos de Jacó”, que recebe o nome de “Israel” dado por Deus (*Bíblia sagrada, Gêneses 35: 9 a 11. tradução da CNBB.*). Como Israel foi o terceiro patriarca da bíblia formando as doze tribos de Israel e com seguimento de cada filho homem, reconhecendo a consciência e a demanda de Deus sobre tudo e todos. Conhecido também como, Senhor, El, Elohim, YHWH (transliterado como Javé ou Iahweh), em que muitos julgavam como deuses ou deusas, que foram dissolvidos em varias culturas politeístas. Em um reconhecimento de um deus só (monoteístas), de que por meio dele se provem todas as coisas e eventos. Um povo formado em sua base pelo modo muito importante que é o ato criativo e pela promessa de Deus, uma relação especial ao ato da própria criação, na qual, a desintegração decorrente está nos atos de desobediência ao Deus, que por si instaura a morte. (*Bíblia sagrada, Gêneses 3. tradução da CNBB.*) culminando na desesperança de Deus, a partir da crescente maldade do homem que era grande e continuamente mau até todo o significado do seu coração. Deus (Javé) arrepende de ter criado-o, já que a morte está a sua disposição e seu controle, decide tornar absoluto o castigo de morte. Mas segundo a graça, Javé faz uma aliança com Noé e transmite a Torá a Moisés “o livro da lei de Moisés” transmitido a Israel; lido ao povo que no fim se ouve um clamor, um modo de dizer sim a Deus, formalizando, reparando as alianças, as promessas e as leis detalhadas que passam a ser a linguagem do povo. Diversas seitas judaicas separaram-se do tronco da fé ortodoxa; os samaritanos desligaram-se da congregação de Israel depois do cativeiro da Babilônia, e só seguem o Pentateuco entre os livros bíblicos, antes da destruição de Jerusalém as principais

seitas foram os fariseus, caduceus, e essênios; o povo judeu constituída pelos hebreus e os israelitas,

O cristão em sua faculdade de entender, de perceber o significado da morte é sobre o que exerce influência ou domínio, está diretamente ligada no pecado em que o homem tem uma natureza mortal. Sua crença está na ressurreição de Jesus morto em uma cruz para uma vida após a morte, uma obra de Deus. O Cristianismo nada mais é um ritual comemorativo das questões da páscoa e que o homem leva uma vida regrada, humilde, benevolente e que tenha uma morte em Cristo Jesus para receber a vida eterna, segundo a salvação e misericórdia. No entanto, a princípio Jesus não era conhecido com “Cristo” durante sua vida no máximo uma tentativa ilusória de ser, um homem confuso e desafiante, em que suas palavras acompanham por ações de alguém que tentava reaver ser um Deus, deste modo, o entendimento cristão da morte inicia-se em um contexto judeu, em que um mestre assume posições independentes acima de várias questões religiosas e políticas da época; onde anuncia a própria morte de forma determinada afirmando que é uma “verdade de Deus”, questão fundamental para o Judaísmo; acreditado pelos seguidores como uma pessoa dramaticamente correta. Pode se concluir que a faculdade cristã de entender a morte não pode ser uma exclamação é uma interpretação do que o judaísmo está nas promessas, nas alianças, pois, os mandamentos deveriam ser realizados naquela época. Nesta época da vida de Jesus, havia muitas interpretações concorrentes de um mesmo tema. O paganismo tinha muitas formas no século IV, mitráismo, neoplatonismo, estoicismo, cinicismo, filosofia e muitos cultos a deuses dos campos e cidades. Para os filhos da aliança, havia necessidade de uma realização de um sonho, uma coalizão, sonhos baseados numa promessa bíblica, a vinda de um messias, pois, o Cristianismo é a realização deste sonho messiânico, “O Messias” “Christós” transliterado do grego. Em uma época difícil, na qual, o povo estava sendo dominados, capturados e escravizados pelos romanos, os escravos, como em toda a parte do Império, figuravam em ultimo lugar na sociedade, no decorrer desta época o estado Romano moveu dez grandes perseguições aos cristãos, de modo que, o paganismo era por excelência expressiva entre as classes dominantes. Uma situação que não trazia conforto aos escravos e aos pobres em geral, causando uma decadência na sociedade. Os pequenos negociantes e mestres de varias profissões, ou seja, os trabalhadores livres, não tinha direito ao voto, de prontidão para a desordem, era mantida em disciplina pela fome ou pelo exercito. Contudo, O cristianismo representou uma relação àqueles costumes, uma rebelião contra a depravação dominante, em que os primeiros, estabeleceram em suas comunidades hábitos de severidade moral e uma

espécie de comunismo primitivo; de acordo com os escritos, foi somente bem depois da morte de Jesus que os seguidores dele foram conhecidos como Cristãos. Depois de Jesus, o primeiro mártir foi S. Estevão, morto por apedrejamento em Jerusalém. *A Historia da Civilização IV (A Idade da Fé) Will Durant – tradução: Mamede de Souza Freitas – Rio de Janeiro - Editora Record S.A. 1950. A Origem do Cristianismo Karl Kautsky – Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira - Rio de Janeiro – Editora Civilizaçõ Brasileira 2010.*

No Islamismo, religião fundada por Maomé (Mohammed) 596-622, numa noite em 610 se encontrava sozinho teve uma experiência central de tudo, o encontor com o anjo Gabriel. na qual, a palavra maomé provém do árabe, com o significado de “submissão completa à vontade divina” a mesma corrente criada pelos cristãos aos judeus árabes descendentes da tribo de Ismael, filho de Agar. De modo que, os Árabes do deserto tinham sua própria religião primitiva, pois temiam e adoravam, varias estrelas como deusas, na lua e nas profundezas da terra. Maomé, um nobre estirpe, aproveitou antigas crenças árabes , bem como elementos cristãos, judaicos, e gnósticos criando sua doutrina no livro chamado de Alcorão. Tudo começou com um jovem que desejava encontrar a verdade absoluta de Deus em torno de muitas asserções conflitantes sobre a natureza do próprio Deus havendo varias definições, como judias, politeístas, animistas afirmando a adoração do mesmo deus, advindos da mesma fé, ficavam em uma profunda falta de entendimento uns com os outros. Maomé que não compreendia esta situação buscava a verdade de Deus, em certo dia numa caverna na encosta de do monte Hira, diante de uma visão, acredita que vira ao seu encontro Jibril (o arcanjo Gabriel) na qual, acreditando que a conversa era originárias do próprio Deus; introduz uma nova religião escrevendo o Alcorão. Assim como as escrituras judaicas e as cristãs não tem um acordo entre si e nem com o Corão árabe; a compreensão islâmica da morte no Corão é determinada pela interpretação dele, que consiste numa ordem criada por Deus, pertencente a sua vontade, e não pode ocorrer sem sua permissão, num período estabelecido por ele, introduzido na humanidade com origem da decorrência da injúria de Adão e Eva ao serem seduzidos pelo Shaitan (satanás). O propósito da morte é por um término em um período; a vida é um período de provação ou juramento e toda pessoa viva, prova a morte tanto pelo bem como pelo mal, por um julgamento, pois, a morte no judaísmo não é um castigo, é um processo particular que atravessa até o dia da ressurreição para um julgamento final. A morte para um mulçumano é uma porta de entrada a Deus, pois, se a alma vem dele, depois da morte a alma retorna a ele. No islamismo têm uma negação profunda da interpretação de cristo, na qual, Cristo não foi feito por Deus e muito menos filho dele, para a retenção humana, mas sim

um profeta para advertir as pessoas nas prestações de contas nos julgamentos. No Corão tem muitos escritos do processo da vida em que passa pela morte e para a ressurreição e o julgamento. Pois nele o anjo da morte é mencionado uma única vez, onde vem recolher os que devem morrer. Por fim, no costume islamita existe a crença de que as pessoas não devem chorar pelos mortos, pois, ela está morta para nós e não para Alá, devemos enterrá-la rapidamente para que ela não sofra, ouvindo os que choram por ela, para o seu próprio bem. *Uma Breve Historia do Cristianismo?Georffrey Blainey 1ª edição - São Paulo - Ed.Fundamentos 2001. A Historia da Civilização IV (A Idade da Fé) Will Durant – tradução: Mamede de Souza Freitas – Rio de Janeiro - Editora Record S.A. 1950.*

Mitos

Os Hebreus

A comunidade Judaico-cristã juntamente com o Islamismo, surge das raízes do povo Hebreu que viviam nas terras de Ur, no sul da Mesopotâmia, com a primeira fase da história era um povo nômade, organizado em comunidades tribais, dedicando a criação de reses, transmitindo sua cultura e tradição, a princípio politeísta, e monoteístas em uma tribo judaica conhecida como “os Essênios”, ao longo do tempo, no qual, sua tradição e cultura estão escritas nos textos da “Bíblia Sagrada”. Mais tarde, o povo abandonando as terras de Ur, partiu para a Palestina, vivendo ali por mais de três séculos, por volta do ano 2000 aC. Não mais que, depois do retorno do exílio babilônico, no século V a.C. Neste período escreveu seus textos em aramaico e hebraico, línguas do povo na época, juntamente com o Grego, língua usado

desde o início do Cristianismo, Neste tempo, todas as tradições antigas eram decompostas e ampliadas por invenções para preencher as cartas sacerdotais. Seguindo a história do povo de Israel. Quando os Cananeus entram no país introduzem adornos de propaganda, contos de fada, ou invenções posteriores. A princípio uma seita chamada *Chistianoi*, com origem na cidade grega de Antioquia no Egeu. Os textos foram escritos em uma época de muita seca na região, na qual o povo hebreu foi dividido em dois povos, o reino de Israel (norte) na capital Samaria e o reino de Judá (sul) na capital Jerusalém, o povo de Israel foi conquistados pelo povo Assírios, e o povo de Judá foi conquistados pelos Babilônios cujo seu rei nada mais era do que Nabucodonosor, na opressão de Nabucodonosor os escribas hebreus começam a escritas da bíblia, ficando por quase cinquenta anos no cativeiro, não mais por que os persas conquistaram a Babilônia, libertando os hebreus, que perderam sua autonomia, política e religiosa, permanecendo as sombras pelos persas e depois, macedônios e romanos, causando revoltas e dispersão pelo mundo nunca se tornando uma nação. Em 63 ac. O Império Romano domina a região escravizando os hebreus causando muitas revoltas e perseguições até em 315 dC. Que o imperador Constantino I conhecido em Roma como Constantino Magno ou Constantino “o Grande” que adotou o Cristianismo como igreja oficial do império depois de tantas investidas, cessando os conflitos. A partir de então com liberdade e poder de decisão adota uma nova religião chamada catolicismo (do Grego transliterado *Katholikos*) universal, a Igreja Católica Apostólica romana nos sucessivos concílios, como o de Nicéia de 325 dC. Que concretizou os textos “Canon” do antigo e do novo testamento, deixando muitos de fora, em 397 dC. O concílio de Cártago confirma a lista. E em 405 dC. Jerônimo completa a tradução da “vulgata” traduzindo do aramaico, hebraico para o Grego e do Grego para Copta, Latim e Siríaco, contudo, os textos que ficaram de fora do Canon, se tornaram textos apócrifos, não servindo para a doutrina da igreja, mais tarde se torna herege, sendo cassados e queimados pela igreja, os muitos que restaram foram escondidos por seguidores dos próprios textos, nos quais, uns chegaram a nós somente nas traduções e outros encontrados por acaso em sua forma original e fragmentados devido à deterioração do tempo. Uns passando a chamar de evangelho e outros como escrituras gnósticas. Tanto nas culturas judaico-cristão e islamitas contem muito fragmento da mitologia, da cultura e os costumes helenísticos e Gregos. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: ensaios acerca das interações culturais no mediterrâneo Antigo* – Andre Leonardo Chevitarese e Gabriela Cornelli – São Paulo – Annablume, Fapesp, 2007. *As primeiras civilizações* / Jaime Pinsky - 20.ed. Nova São Paulo: Contexto, 2001. . *A Origem do Cristianismo* Karl Kautsky – Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira - Rio de Janeiro – Editora Civilizaçõ Brasileira 2010.

O Evangelho

A palavra evangelho, embora derive diretamente do latim, *evangelium*, tem sua origem mais remota num nome grego, que significa nos escritos profanos mais antigos, “*o sacrifício oferecido por ocasião da boa notícia ou presente oferecido a quem a transmitia*”. Mais tarde, porém, passou a designar a própria boa-nova, sendo esta acepção a dos autores do novo testamento, após o Canon, para quem o evangelho é uma essência, a boa-nova, a notícia de salvação trazida ao mundo, o termo aplicou-se também ao objeto direto dessa pregação, à própria doutrina Cristã, pois os únicos evangelhos canônicos são os de S. João, S. Lucas, S. Marcos e S. Mateus, sendo que os evangelhos podem chegar ao número de trinta.

O Gnosticismo na Era Pré-Cristã

A gnose que em sentido estrito é o mesmo que sabedoria, ou ciência superior as crenças comuns, filosofia dos magos, alta teologia, pois segundo a doutrina da igreja, há uma gnose verdadeira e outra falsa, a primeira constituiu o complemento da fé e leva a inteligência a penetrar profundamente o espírito das verdades reveladas pela religião. A segunda constitui a negação de fé e já foi combatida por Paulo. O gnosticismo surgiu, principalmente, como uma reação a simplicidade doutrinária dos primeiros cristãos, Como adeptos mais cultos do cristianismo não se contentassem com aquela simplicidade dos outros cristãos, muitos criaram sua própria doutrina, por meio da qual tentaram uma síntese entre o cristianismo e a filosofia, adquirindo considerável importância nos primeiros séculos de era cristã, os gnósticos acreditavam que tem um acesso direto com Deus e a partir daí combatido por muitos padres da igreja, pois a doutrina era a explicação da ocorrência do mal, pela coexistência dos princípios do bem e do mal, Com tendências maniqueístas, isto é, dualismo religioso que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano, cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o bem e o mal, em localizar a matéria e a carne no reino das sombras, e em afirmar que ao homem se impunha o dever de ajudar à vitória do bem por meio de práticas da doutrina ascética, especialmente evitando a procriação, os alimentos de origem animal, aderindo também de considerável influência platônica, admite que o mundo tenha saído de um deus inefável, do qual, nada se afirma. O

mundo é povoado por espíritos puros de toda mistura em que a queda foi por encarnação nos corpos das mulheres surgindo o mal, de modo que, o homem pode se livrar pela redenção. Elaine Pagels; *Os Evangelhos Gnosticos/ Tradução Luis torres fontes. Porto. Ed Via Óptima, 4ª edição 2006.*

A Morte Segundo os Canônicos

Tratando-se da morte, os canônicos, tanto no velho como no novo testamento, tratarei de três pontos somente para exemplificar o arquétipo da morte. Primeiro: como se fala da morte, nos primórdios da Bíblia. No Gênesis, na criação do ser humano quando o homem é colocado no jardim tem duas árvores com frutos, uma a árvore da vida e a outra a árvore do conhecimento do bem e do mal, cuja ingestão do fruto da árvore do conhecimento trará a morte, sem saber o que é de fato, pois em toda a bíblia não se explica de forma retórica este fenômeno natural. *“Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não debes comer, porque, no dia em que dele comeres, com certeza morrerás.” Bíblia sagrada, Genesis 2: 17. tradução da CNBB.*

Mais adiante argumenta-se que Adão e Eva se alimentam do fruto e a morte não acontece de imediato, mas sim a expulsão e promessas de dor e sofrimento, pela desobediência. Mais sim, ela surge tempos depois em Abel e Caim, onde Caim se torna assassino de seu irmão, nas páginas seguintes a descendência humana cai na corrupção, Deus decide exterminar a raça humana, através do dilúvio, o grande cenário da morte que compõe todo historia do povo hebreu em caminho a Palestina.

Segundo: um Deus que antes fala sobre a árvore do conhecimento do mal e do bem, advertindo como um guia, depois se personifica em um Deus mau e cruel em que é a própria morte, o senhor dela. Iniciando sua narrativa pelo ódio, passando pelo genocídio de crianças até a morte pela fome e pela espada.

Assim diz o senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Vós bem vistes toda desgraça que fiz cair sobre Jerusalém e povos de Judá. Hoje elas estão abandonadas, sem qualquer habitante. A causa disso foi o mal que praticaram. Irritaram-me queimando oferendas a prestando culto a deuses estranhos, que jamais conhecestes nem vossos pais. Continuamente eu vos mandei meus servos, os profetas, que diziam:

deixem essas praticas abomináveis que eu odeio... [...]... Por que praticais um mal tão grande contra vós mesmos? Eliminastes do vossos meio, homens e mulheres, acabastes com crianças e bebês em Judá a ponto de não vos restar sobrevivente... [...]... Vou pegar esse resto de Judá que decidiu emigrar para terra do Egito e ai todos encontrarão o fim. Cairão mortos à espada ou de fome. O menor ao maior, todos encontrarão seu fim. Morrerão pela espada ou de fome. Serão amaldiçoados, desgraçados, desprezados envergonhados... Bíblia sagrada, Jeremias 44: 2 ao 13. Editora Canção Nova São Paulo - Tradução da CNBB Brasília DF.

O terceiro e último ponto é no novo testamento, conhecido como as Cartas aos Romanos, escritas por Paulo na época das viagens, quando ele se estabeleceu por três meses na Grécia na cidade de Corinto, antes do seu retorno a Jerusalém por volta de 57e 58 d.C. Paulo trata da morte como fruto do pecado, ou seja, más condutas diante das leis de Deus e seu filho Jesus o Cristo basicamente as condutas da ética e da moral cristã. Mas o importante para nós é como a morte aparece, o sentido estabelecido por três formas, como consequência da desobediência, o próprio Deus conjurando a morte, como a conduta humana causa a morte, determinando o fim da vida, fim esse, como uma passagem para outra existência, pois na fé cristã, existe uma vida após a morte que é compreendida, e a não compreensão do fenômeno e nem racionalizada como prova factual, fica estabelecida um critério de fé e esperança, pilares fundamentais da tradição. De modo que Deus agora é vida, é vida eterna.

Quando éreis escravos do pecado, estáveis livres em relação à justiça. Que fruto colheis, então, de ações das quais hoje vos envergonhais? Pois o fim daquelas ações era a morte. Agora, porem, libertados do pecado e como servos de Deus, produzis frutos para a vossa santificação, tendo como meta a vida eterna. Com efeito, a paga (salário) do pecado é a morte, mas o dom de Deus é a vida eterna no Cristo Jesus nosso Senhor. Bíblia sagrada, Romanos 6:20 ao 23. Editora Canção Nova São Paulo - Tradução da CNBB Brasília DF.

O porquê do Cânon? Pois ate 367 a/c os cristãos iniciaram a considerar as cartas de Paulo textos especiais, pois ate então não existia uma lista e muitos textos circulavam entre os cristãos, A partir de então os judeus que alguns textos eram expirados por Deus, como os do velho testamento e por enfrentar muitas heresias alguns textos foram considerados de origem questionável. Passando usar critérios para identificar os textos do Cânon, (Kanon é a palavra

grega para “padrão”) e cada texto tem que ser ligados a um apóstolo, por volta do século II os quatros evangelhos as cartas e o atos eram valorizados, contudo não existia ainda uma lista oficial. Então Marcião fez uma lista com dez dos treze cartas de Paulo e o evangelho de Lucas muito modificado, por volta do ano duzentos uma lista ortodoxa conhecido como o *Cânon muratório* que incluía o *apocalipse de Paulo e a sabedoria de Salomão*, assim como outras listas surgiram, mas, em 367 Atanásio escreve uma carta com os 27 livros que faria parte do novo Testamento, bispo de Alexandria ortodoxo e influente afirmando que nenhum texto pode ser considerado como escritura cristã, em 397 o Concílio de Cartago confirmou sua lista, a partir de então a igreja aceitou sua decisão e jamais desviaram de sua sabedoria. Mais tarde o restante dos textos foram caçados e queimados sobrando às traduções. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo; do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na Vhina – A. kenneth Curti, J Stephen Lang e Randy Peterson; tradução Emirson Justino – São Paulo: Editora Vida, 2003*

A Morte nos Apócrifo

Nos apócrifos da bíblia, as escrituras rejeitadas pelos concílios do vaticano nos séculos II e III, os que se tornaram hereges e foram queimados. No “Testamento dos Doze Patriarcas”, no testamento de Gab sobre o “Ódio”. A obra escrita em grego com traduções em armênio e eslavo, na qual, foi descoberta uma em hebraico, escrita entre 137 e 107 a.C. de modo que, três destes testamentos foram encontrados em Qumram. Os doze patriarcas são as doze tribos de Israel, os doze filhos de Jacó, cuja Jesus por causa deles teve doze apóstolos, não sendo diferente da bíblia como nos apócrifos se fala da vinda do messias, mas o nosso assunto é a morte e um dos patriarcas que fala a respeito dela, colocando a morte como um efeito e causa, ou seja, o ódio traz a morte, é o testamento de Gad, “O Ódio” no capítulo IV par. 3 e V par. 1 pag. 275. *“Apócrifos III, os proscritos da bíblia Ed: Mercuryo Ltda., São Paulo, 1995, Tradução Maria Helena de Oliveira Tricca”*

*IV. 3 o Ódio associa-se à inveja contra aqueles que são felizes; quando
ouve falar da sua felicidade e a presença, fica doente. Pois, se o amor deseja
ressuscitar os próprios mortos e resgatar os que viviam nem os pecados*

veniais. O espírito do ódio é pusilânime, e age constantemente aliado a Satanás para atentar contra a vida dos homens; o espírito do amor porem age com benevolência, aliado a lei divina, para a salvação.” V.1” O espírito do ódio é péssimo; junta-se constantemente à mentira para por obstáculos à verdade. Avoluma o que é pequeno; da luz faz trevas. Chama amargo o que é doce, espalha a calúnia, suscita o rancor, instiga o desentendimento e a violência e todas as paixões e instila no coração e veneno diabólico. Isso vos digo por experiência própria, meus filhos; fugi do ódio demoníaco e apegai-vos ao amor do senhor. Apócrifos III, os proscritos da bíblia Ed: Mercuryo Ltda., São Paulo, 1995, Tradução Maria Helena de Oliveira Tricca.

Os Evangelhos Perdidos

Até a data da descoberta dos pergaminhos do Mar morto, não havia interesse aos estudiosos sobre escrituras e manuscritos antigos, pois foi despertado um grande interesse a manuscritos a partir dos últimos séculos, quase que na mesma época foram encontrados muitos manuscritos no Egito, Gregos e latinos além dos gnósticos e os do mar morto e da cidade de Herculano, as maravilhas encontradas dos hebreus na Gueniza do Cairo, das varias escrituras que não fizeram parte dos textos canônicos, que se perderam, foram encontradas algumas em 1947 no litoral Jordanião na Ásia ocidental nas cavernas *próximas ao mar* Morto em Wadi Qumrán, no oriente Médio por tribos beduínas, nas cavernas da escarpa, situada a pouco mais de um quilômetro de Khirbet Qumram que é parte da margem nordeste do mar, considerado um achado histórico, com 900 textos escritos em hebraico antigo, aramaico e grego, uns em papiros e outros em pergaminhos, pertencente aos Essênios. Estes escritos foram encontrados em Qumrán, porque os judeus fugiram da opressão romana que assumiu o controle do templo de Jerusalém. Vários textos são da própria bíblia do velho testamento com datas do século III a.C. e ate o I século d.C., de modo que há também vários

testos desconhecidos como salmos e profecias, bem como, 20 cópias do gênesis, 17 cópias dos êxodos, 37 cópias dos salmos e todos os livros da bíblia exceto de Ester, bem como pergaminhos do novo testamento, o livro da guerra dos seis dias. Os textos têm a hipótese de ser escritos pelos próprios Essênios, pelos Zelotes ou pelos Saduceus. Em 1947, época dos achados, existia um conflito da independência Israel que dificultou o estudo dos manuscritos, além do mercado negro de antiguidades. Os manuscritos trouxeram consigo muitas perguntas sobre a origem do cristianismo e dos judeus e também de muitas dúvidas sobre o assunto, necessariamente, os manuscritos confirmam as raízes indiscutivelmente judaicas do cristianismo, sendo de precioso valor para a história do judaísmo e do cristianismo primitivo, além de conter textos de uma seita pacifista, como dos Essênios, na qual alguns estudiosos afirmam ser o povo de Jesus. Como poderemos perceber nas próximas leituras. Na época de Jesus circulava pelo povo judeu muitos textos sobre o povo de Deus e seus prodígios, pois nesta época havia cristão que acreditava em um Deus uno, mas também existiam cristãos que acreditavam em dois deuses, alguns diziam que haviam trinta e outros afirmavam que haveria 365, havia cristão que acreditavam que Jesus era tão divino como humano. “*Os Pergaminhos do Mar morto: o grande achado arqueológico do século XX – Oscar Martelo – tradução Ciro Aquino – Editora Planeta do Brasil – São Paulo, 2005.*”

Os Hebreus, como nos os textos que eles consideram ser sagrados e também muitos textos gnósticos, como os textos hereges, que se misturavam pelas cidades e povoados em Roma, Grécia e Egito, entre os séculos III a.C. e séculos III d.C. Como os textos do Mar Morto e os textos de Nag Hammadi, por exemplo, um povoado no alto Egito, conhecida como Chenoboskion na antiguidade vivia cerca de 225 km ao noroeste de Assuão no Jabal AL-Tarif uma montanha perfurada com mais de 150 cavernas, usadas na sexta dinastia como funeral, há cerca de 4.300 anos, com aproximadamente 30.000 habitantes. Neste povoado foi encontrados em dezembro de 1945 um conjunto de manuscritos que ficaram conhecidos no mundo como a biblioteca de Nag Hammadi. Durante 30 anos estes textos ficaram escondidos, como próprio descobridor, Muhammad ali Al-samman que só negociou-os no mercado negro de antiguidades. Alguns dos manuscritos ficaram no Museu Copta do Cairo, outros textos, foram contrabandeados fora do Egito e posto à venda na América. Somente perto dos anos 1990 que os textos foram, juntados, traduzidos e publicados como o conhecemos hoje, contendo doze livros do códice, oito páginas de um décimo terceiro, cinquenta e dois tratados e quarenta e cinco escritos em papiro separados, além dos que foram queimados pela mãe de Muhammad ali Al-samman; após uma vingança de morte é que os textos foram negociados, a

partir desta morte e que iremos encontrar a morte nos textos. “*The gnostic Gospels* – Elaine Pagels – 1979 , 4ª Edição, Tradução de Luiz Torres Fontes, Via Optima, Porto.”

Capítulo III

A Morte em Nag HammadiXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

No manuscrito da biblioteca “*O apócrifo de Tiago*”; pag: 41 da Biblioteca, escrito em Grego e traduzido para o cópita; o texto mostra um diálogo de Jesus, que ficou com os

discípulos por 550 dias após a sua morte; o manuscrito pode ter sido escrito em meados dos anos 150 da e.C., pois, contém uma similitude com os cânones; no caso da morte o primeiro ponto que nos mostra, é quando Tiago escreve sobre o salvador, em que ele está completando os 550 dias da morte; toma a morte como uma coisa para ser desprezada diante das outras; no segundo ponto o salvador falando para os apóstolos; narrando a história da existência do mundo antes deles, até quanto tempo será depois deles, que esta existência não passará de apenas um dia, em que o conjunto dos sofrimentos não passara de uma hora; uma analogia entre horas, dias e anos, na qual, a morte deverá ser abdicada, e valorizando a vida, em que os apóstolos viverão o próprio sofrimento de Jesus; no terceiro ponto, o salvador indica que a morte deve ser procurada, como quem já morreu, procura a vida, e que o estudo dela ensinará a predileção e o pavor da morte não pode trazer a salvação, pois o céu é de quem se coloca diante da morte, uma explicação redundante, em que uma coisa é e não é ao mesmo tempo; no quarto ponto, o salvador explica sobre a alma e o espírito, pois, segundo ele, o corpo não peca sem a alma e sem a alma o espírito não será salvo; a alma estando sem o mal será salva juntamente com o espírito, daí o corpo se torna livre do pecado, assim, o espírito é que eleva a alma salvando-o, enquanto o corpo mata a alma, matando a si mesma pelo pecado da carne, neste sentido, se Deus não perdoar a alma e os pecados, e conseqüentemente a carne que tem culpa, pois, quem veste a carne não terá salvação. A compreensão desta parte é difícil, uma mistura de três elementos, na qual dois é transgressor, o mesmo que não peca é culpado, apresentando uma alma mortal, o que se entende a morte da alma será uma segunda morte que está contida na primeira, que é a morte do corpo; o mais importante é que o ser que tem a carne como existência não tem salvação pela fraqueza que tem a carne para pecar.

- desde que ele conhece o desejo e também o que a carne precisa! - (Ou vós pensais) que não é esta carne que deseja a alma? Pois sem a alma o corpo não peca, justamente como a alma não é salva sem o espírito. Entretanto, se alma estiver salva, quando estiver sem o mal, e o espírito também estiver salvo, conseqüentemente o corpo se tornará livre do pecado. Pois é o espírito que eleva a alma, enquanto o corpo a mata: isso significa que é alma que mata a si mesma. Em verdade vos digo, ele não perdoará a alma, o pecado, de forma alguma, nem a carne, a culpada: pois nenhum daqueles que vestiram a carne será salvo. Por que muitos acreditam que encontraram o reino do céu?... A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O apócrifo de Tiago pag. 46.

No “*Evangelho da Verdade*”; Pag 48 da Biblioteca, um pergaminho com escritos sobre Jesus, quem tem concentração do espírito sobre si próprio; datado em meados do século II da e. C; possivelmente pode ser um texto do próprio Valentino, tem uma similitude com as cartas aos Hebreus; é mais bem compreendido como uma homilia cristã. Descrevendo basicamente sobre o erro, no caso da morte tem um ponto a ser discutido, em que é retratado no livro da vida, que tem vida própria, um livro que ninguém pode adquirir somente se apresenta a quem acredita na salvação, uma salvação diferente dá que imaginamos; somente Jesus que foi paciente em aceitar o sofrimento pode pegar o livro, sabendo que sua morte é vida para outros.

Como há existência de mentiras na vontade, antes de ser evidenciada a riqueza do senhor que morre, torna-se descanso, enquanto o pai permanece invisível, pois, Jesus é parte do pai, só ele pega o livro para ser pregado na árvore, despiendo-se para morte, está vestido de pura vida, ou seja, da imortalidade, pois, ele tem o conhecimento do pai, formando uma totalidade, manifestando todos os espaços vazios de temores. Uma discussão interessante, ao mesmo tempo confusa, onde que a morte se apresenta sem fazer o seu papel, matar, como se ela não tivesse efeito, a morte deixa de ser mortal, a morte passa a ser um ensinamento, fica difícil a compreensão entre espaços, morte, mentiras e vontade. Obs. Um detalhe importante, historicamente é uma árvore de mesmo modo como se diz neste manuscrito, onde muitos hebreus foram crucificados e não em uma cruz relatado em vários textos.

Como há mentiras ocultas na vontade, antes de ser aberta, a fortuna do mestre morto da casa, assim é com a totalidade, repousa oculta enquanto o Pai da totalidade estava invisível, sendo algo que é parte dele, daquele onde cada espaço se apresenta. Por esse motivo, Jesus apareceu; pegou o livro; foi pregado em uma árvore; e publicou a ordem do pai na cruz, eis o grande ensinamento! Ele se despiu à morte, apesar de vestido com a vida eterna. Tendo se despedido de seus trapos perecíveis, vestiu-se da imortalidade, algo que ninguém jamais poderá tirar dele... A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O Evangelho da Verdade pag. 51.

No texto chamado de “*O tratado Sobre a Ressurreição*”, Pag: 59 da biblioteca sem autor preciso, concentrando em uma ideia de uma declaração da vida após a morte; expondo fundamentalmente contextos não-ortodoxo, mas, Cristão; do século II d.C., na qual, a morte

exerce um papel, a princípio, como lei da Natureza, em que o filho subjuga a morte, tragando-lhe e a destruindo, em seguida passa uma ideia de que o nascimento já é um processo de envelhecimento e a existência uma putrefação: “*O nascimento do corpo é o seu próprio envelhecimento, e tu existes em decomposição*” [...] Percebesse, entre linhas, que é cabível uma vida antes do nascimento, de modo que para obter a ressurreição, é necessário abandonar os prazeres e amarás, ou seja, os vícios, e mesmo sabemos de nossa morte futura, deveremos conhecer-nos nós mesmos como se fomos morrer, mas, se receber a ressurreição, segundo o sacrifício, porque vive com se fosse morrer, pois, está liberto da morte, mesmo que tenha morrido, praticando de muitas formas, libertando da lei, a lei da natureza, onde todos tem que morrer.

No último tratado Valentino do século II, diz respeito do drama cósmico, com fontes teológicas e filosóficas, escrito em grego é chamado de o “*Tratado Tripartido*”. Pag: 64 da Biblioteca. Descrevendo-se na primeira parte sobre a manifestação das entidades sobrenaturais, a segunda parte trata-se do gênese o primeiro ser humano, a terceira parte foca na questão soteriológicas, ou seja, sistema da salvação da humanidade por Jesus Cristo, o salvador divide a humanidade em três esferas. No nosso estudo, a morte apresenta de forma “perigosa” com a forma de um mal a vida, como não poderia de ser sublime e benevolente, já nos primeiros parágrafos da primeira parte, há escritos do pai criador, sem início e sem fim, que gerou que é imortal (eterno), na segunda parte, trata da criação da humanidade de forma que Logos “Razão, Sophia” apresenta-se uma deformação, trazendo consigo todas as formas de vícios, como um doente, diferente do Demiurgo (que segundo o filósofo Platão (428-348 a.C.) e seus discípulos, Demiurgo é o artesão divino ou o princípio criador organizador do universo, para os gnósticos, não cria de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente através da imitação de modelos eternos e perfeitos embora mereça ser criador, mas apenas instrumento do ser mais alto, ou seja, difere do ser supremo, chamado Arconte ou o filho do Caos); o mesmo “logos” originando o Demiurgo sem ignorância, o Espírito Vivo, a qual acrescentou a *psique* ou a alma sensual, segundo o texto, e o *pneuma* ou alma racional divina, de modo que através do sopro dos Aeons, tira a vida do que era morto, ou seja, a escuridão ou o Caos. Ignorando a morte. Os Aeons (são como entidades divinas atribuídas em pares ou Sízígias, diversos aspectos de um deus), com uma existência em pleromas (diversas formas dos poderes divinos), podem significar plenitude, considerando o espaço e a luz.

“O [...] que o logos [que era] imperfeito apresentou, que [estava] enfermo, não era semelhante a ele, porque havia trazido o [esquecimento],

ignorância, [imperfeição] e todas as outras formas de fraqueza, apesar de o Logos ter dada a primeira forma através do demiurgo longe da ignorância, para que pudesse aprender chama de “Espírito vivo” e “Sopro dos aeons exaltados” e “[o] Invisível”, sendo esta alma viva que foi dada à vida para o poder que estava morto desde o principio. A ignorância é aquilo que está morto.”A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O tratado Tripartido pag. 87 Parte II 11. A criação da humanidade Material.

Com a criação do ser humano; o criador manifestou uma ordem trazendo um malefício, um risco a vida, trouxe a morte, alegria nas coisas perversas, uma permissão para sentir a árvore do conhecimento, na qual, através deste ato permitiu que o é mal adentrasse em si, podendo morrer, morte que tem o mesmo significado de ignorância, permitida pelo mesmo Demiurgo da criação, pois, para os gnósticos a origem do mal é atribuída ao Demiurgo.

“Por isso, eles emitiram um comando, fazendo uma ameaça e trazendo-lhe um grande perigo, que é a morte. Apenas o prazer das coisas, que são más, ele permitiu que provasse, e da outra arvore com dupla (fruta) que ele permitiu que comesse, muito menos da arvore da vida, para que [não pudesse] adquirir honra [...] deles pelo poder do mal [...]. Ele o fez transgredir o comando para que pudesse morrer. [...] Este é o espírito ordenado quando primeiro planejou que o homem deveria experimentar o grande mal, que é a morte, que é a ignorância plena da totalidade, [...]. Por causa da transgressão do primeiro homem, a morte reinou.” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O tratado Tripartido pag. 87 e 88 Parte II 11. A criação da humanidade Material.

Uma obra muito importante para o Gnosticismo mítico, “*Apócrifo de João*”, Pag: 99 da Biblioteca, em que o contexto é uma confidência de Cristo após sua ressurreição, um texto que conta claramente sobre a criação, a queda, a salvação, e resposta a duas questões simples; a origem do mal, como ir para o céu, na qual, estes ensinamentos existiam antes de 185 e.C., um texto com o mesmo sentido do tratado do tripartido, mas, com detalhes não contidos no tratado, como os escritos dos anjos e demônios os nomes dos deuses, a criação dos males e do

ser humano. Há no “*Apócrifo de João*”, Pag: 99 da Biblioteca, o nome da morte, e os nomes dos vícios que traz a morte. O Logos como imagem de mãe, e seu nome “Sophia”, mencionado em textos anteriores, que é a origem de tudo, origem do todo mal. Yaltabaoth, o primeiro arconte herdeiro de grande poder, cuja é o próprio Deus dos Hebreus, no qual tem relações com Sofia e seus deuses, originando todo tipo de mau, considerado uma fatalidade.

“E a Sophia, sendo uma aeon, concebeu-lhe a si um pensamento e a concepção do espírito invisível e a presciência. Desejava gerar uma semelhança dela mesma sem o consentimento do espírito, [...] A biblioteca de Nag hammadi – Apócrifo de João pag. 104.

Apesar de não ser concedida a Sophia a geração de um ser (por replicação), de modo que, na sua vontade irresistível, ela gerou, mas, algo saiu errado, gerou um ser imperfeito e diferente de sua aparência, levando-o para longe sem que ninguém o visse, percebe que criou algo a partir de sua ignorância. “[...] *Colocando um trono no meio da nuvem para que ninguém pudesse ver, exceto o Espírito santo, o qual é chamado de a mãe dos vivos, E ela clamou pelo seu nome Yaltabaoth. A biblioteca de Nag hammadi – Apócrifo de João pag. 104.* A partir de então Yaltabaoth começa suas criações e prodígios chamando a si próprio de Deus possuindo mais dois nomes, Saklas, Samuel, ao criar sete reis e trezentos e sessenta e cinco anjos para os sete céus, “*O nome do primeiro é Athoth, o qual as gerações chamaram de a Morte. [...] Ele tem um rosto de uma Ovelha.*” *A biblioteca de Nag hammadi – Apócrifo de João pag. 104 e 105.*

Após estas criações, exaltando sobre ela pela ignorância, fez que sua mãe arrependesse-se em prantos, ouviu uma voz no céu exaltando o homem, o revelou em um pensamento superior. Através de suas autoridades. Os demônios e as coisas maléficas.

E se reuniram em conselho com todos os grupos de archons e anjos. Eles pegaram o fogo, a terra ea água e misturaram tudo com os quatros ventos furiosos, e forjaram tudo junto causando uma grande agitação. E trouxeram-no (adão) até a sombra da Morte, para que pudessem moldá-lo novamente com a terra, a água, o fogo e o espírito que é gerado da matéria, que é a ignorância da escuridão e o desejo, e seus espíritos falsos. [...] E os archons o elevaram, colocando no paraíso. E disseram a ele, ‘alimente-se,

pois não tens o que fazer', desde que suas luxurias são amargas e seus encantos depravados. E sua luxuria é a decepção e suas arvores são incrédulas e sua fruta é envenenada e sua promessa é a morte. A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O Apócrifo de João pag. 108 e 109.

Enquanto Sophia a mãe dos vivos vai para baixo sem malícia para depurar sua imperfeição, a sua nudez despertou os pensamentos dos outros se afastando de Yaltabaoth, no qual, amaldiçoa a terra e viu a mulher preparando para seu marido, expulsando-os do paraíso, capturando a vida de Eva, e gerou dois filhos em Eva, um se chama Eloin e o outro Yave, um justo e o outro injusto, com os nomes terrenos de Caim e Abel. De modo que o sexo ainda é pertencente a Deus (Yaltabaoth) Contudo o único filho de Adão é Set. a partir de então o Salvador explica quais as possibilidades de salvação, até que o pensamento não pode reter o mal causado pelos deuses, anjos e demônios cometendo uma fatalidade (que os mata)

“Ele elaborou um plano com suas autoridades, que são seus poderes, e juntos cometeram adultério com Sophia, e uma fatalidade cruel foi gerada através deles, que foi a ultima das uniões mutáveis. E é desse tipo que é intermutável. E é mais fácil a mais forte do que ela com quem os deuses se uniram, e os anjos, e os demônios e todas as gerações até o dia de hoje. Foi dessa fatalidade que emergiu cada pecado, injustiça, blasfêmias, e a corrente do esquecimento, e a ignorância, e cada comando severo, e os pecados sérios e grandes temores, e assim, toda a criação foi cegada, para que não pudesse conhecer Deus, aquele que está acima de todos eles. Desde que estão ligados com medições, tempos, e momentos, tendo a (fatalidade) como mestre acima de tudo.” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O Apócrifo de João pag. 112.

O evangelho de “Judas Tomé (o Dídimo)”, pag: 114 da biblioteca é um diálogo com Jesus em que contêm provérbios (que pode sintetizar um conceito a respeito da realidade material ou uma regra social ou da moral), parábolas (que pode ser por meio de comparação ou até mesmo analogia), pronunciamentos escatológicos, Ou seja, tese ou doutrina que trata

do destino final do homem e do mundo ou até mesmo por presságios, com uma pergunta ou declarações entre Jesus e os discípulos. Traduzido do grego, escrito antes dos anos 200 E.C.; Judas que é irmão de Jesus, fundou a igreja do oriente; o evangelho de Judas tem uma semelhança impressionante com os de *Marcos, Lucas e João*, e no caso, em que nos interessa, a morte tem o caráter de fim, mas, o interessante é o pronunciamento de Jesus que explicita uma vida antes da morte, ideia novamente trazida a tona, que pode ser uma vida antes do surgimento do Salvador e seus ensinamentos para a humanidade ou até um conhecimento destes ensinamentos, depois com o conhecimento, uma nova vida na cristandade, contudo, através deste conhecimento o cristão não será cometido de morte e por fim, um mundo composto como um cadáver (morto) em outro sentido, podendo ser a vida mudada do homem, que está morta sem a cristandade. Duas observações nos estudos, “*Dídimo*” que em grego que dizer gêmeos e também no aramaico, a na igreja Síria Tomé e conhecido como irmão de Jesus. *Judas Tomé Dídimo* segundo a própria declaração de Jesus era filósofo. Em textos dos apócrifos, tem uma menção, de que José, pai de Jesus tinha filhos e filha, antes de casar-se com Maria, mãe de Jesus.

“E ele disse “quem quer que encontre a interpretação destes provérbios não provará a morte”. [...]§1 “Jesus disse, Esta céu perecerá, e o outro acima perecerá. O morto não está vivo, e o vivo não morrerá. Nos dias em que vás consumistes o que está morto, fizeste dele o que está vivo. Quando vierdes a habitar na luz, o que fareis?§11.” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O Evangelho de Tomé 116 e Pag. 117.

Neste trecho os discípulos indagam a Jesus como será o seu fim, em parábolas ele conta possibilidade do fim como início e início como um fim, provavelmente uma característica da humanidade sem o conhecimento do evangelho, para aquele que observa a vida antes dela mesma (o conhecimento). Por fim, a existência de promessas e a questão da utilização da fé incondicional.

“Os discípulos disseram a Jesus, “Diga-nos, como será o nosso fim”. Jesus disse, “Vós tivestes descoberto, então o inicio, para que busqueis o fim? Onde o inicio está, lá esta o fim. “Abençoado é aquele que tomou seu lugar no inicio, ele saberá do fim e não provará a morte. §18”

“Jesus disse, “abençoado é aquele que veio a vida antes da vir à vida. Se vós vos tornardes meus discípulo e escutai as minhas palavras, estas pedras vos prestarão

auxílio, pois há cinco árvores para vós no Paraíso, que permanecem impassíveis no verão e no inverno e cujas folhas não caem. “Aquele que se tornar conhecido delas não provará a morte. § 19.” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 – O Evangelho de Tomé pag.118.

Por fim, Jesus questiona a omissão da vida sobre sua presença; questionamentos sobre a morte, demonstrando um medo temeroso da morte. A parábola de que quando chegar o fim, os que dormem um será ceifado e outro ficará, semelhante aos canônicos, em *Mateus 24:39*, *Mateus 24:41* e *Lucas 17:36*. Fala também do primeiro homem sem o conhecimento da palavra, como os discípulos.

“Ele disse a eles, “Vós tendes omitido o que vive em vossa presença e que tem falado (apenas) dos mortos”. § 52”

“Jesus disse, “Quem quer que seja que tenha entendido o mundo encontrou (apenas) um cadáver, e quem quer que seja que tenha encontrado um cadáver é superior ao mundo”. § 56.”

“Jesus disse” Adão veio à vida de um grande poder e uma grande riqueza, contudo não se tornou digno de vós, pois se tivesse sido, não teria ele [provado] a morte § 85.” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006 –O Evangelho de Tomé pag.121.

A arqueologia da morte no “*Evangelho de Felipe*”, pag: 126 da Biblioteca é uma composição valentina da vida após a morte, comum em todo o manuscrito, é como nos evangelhos canônicos. Com muitos modelos de aforismo, analogias, parábolas, exortação moral, polêmicas, diálogos narrativos, provérbios, explicações de palavras bíblicas, propostas dogmáticas, o valor e o significado do sacramento, este texto é uma explicação e de iniciação gnóstica oral nas questões da fé, é para o público, nos dias de reunião com os concidadãos, é uma explicação das passagens da bíblia canônica, é semelhante aos catecismos ortodoxos do século II ao século IV. Com uma possibilidade de ser escrito na metade do século III e.C., em aramaico na Síria.

Nas primeiras passagens das primeiras páginas diz a respeito dos herdeiros; quem é herdeiro dos mortos herda a morte; enquanto outros buscam simplesmente a liberdade, diz do

filho que só quer o seu direito, antes eram apenas pessoas de um povo e com Cristo agora são herdeiros de uma nação e viverão, serão herdeiros da vida, pois quem crê nesta verdade não morre, mesmo sendo um pagão, de modo que, mesmo nos vícios é semelhante em que vive nos vícios e aquele que encontra Cristo, pelo sacramento e comunhão jamais morre e sim ressuscitará em Cristo. Neste manuscrito tem uma escrita diferente dos textos anteriores, no qual, mesmo a quem possua carne, tem salvação segundo o sacramento.

“[...] Aqueles que são herdeiros dos mortos estão eles mortos, e herdam os mortos. Aqueles que são herdeiros do que está vivo são vivos, e são herdeiros de ambos os vivos e dos mortos. Os mortos são herdeiros de nada. Como pode aquele que está morto herdar? Se ele que está morto herdar o que está vivo, ele não morrerá, mas aquele que está viverá muito mais.”

“Um Gentílico não morre desde que ele nunca viveu para que pudesse morrer. Aquele que tem acreditado na verdade encontrou a vida, e está na eminência de morrer, pois está vivo. Desde que Cristo veio, o mundo tem sido criado, as cidades foram ordenadas, os mortos levados. [...]”

“Luz e Escuridão, vida e morte, justo e injusto, todos são irmãos uns dos outros. São inseparáveis. Por causa disso nem os bons são bons, nem os maus são maus, nem a vida é vida. Nem a morte é morte.[...]” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O evangelho de Felipe pag. 129.

Está última passagem, dá uma ideia clara, que tem um modo de tentar unir o povo hebreu, que estava dividido e espalhado por todo o oriente, por causa dos conflitos e as culturas e crenças de outros povos que os dominaram. Nas páginas seguintes diz em respeito a sacrifício de animais oferecidos vivos a um Deus morto que sobrevive através dos sacrifícios, e no mesmo sentido o mestre encontra primeiro a morte e depois ressuscita encontrando a vida e para quem entende o sacrifício não morrerá. Ficando mais claro com a explicação da comunhão da carne e do sangue de Cristo, explicando que a carne é simplesmente a palavra e o sangue nada mais é que o Espírito Santo.

“Aqueles que dizem que o mestre primeiro morreu e (em seguida) se levantou equivocados, pois ele se elevou primeiro e (então) morreu. Se alguém não alcançar primeiro a ressurreição, ele não morrerá. Como Deus vive, ele [estaria...].” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson:

tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O evangelho de Felipe pag. 131.

Antes de partir para as últimas passagens, na página 132 contém uma passagem tanto quanto curiosa dizendo sobre dois seres, um se chama Echamoth e o outro Echmonth, no qual Echmonth e a sabedoria da morte, segundo a tradição gnóstica Echamoth é “aquela que dá a luz” (a mãe), seguindo a tradição a mãe é Pistis Sophia, e Maria. Echmonth é a mesma coisa que a outra. Nas passagens finais há um parágrafo que o sentido fica obscuro, não se entende direito o contexto, pelo fato nas lacunas nos códices, outra passagem diz sobre o divórcio que trata da morte em uma união conjugal, mas o entendimento pode ser da união dos homens com Deus que havia uma separação desde o Gêneses, mais adiante, precisamente na página 138, a verdade com salvadora da morte e a palavra como alimento para a vida, em linhas adiante, Adão que se alimentou do conhecimento trouxe consigo a morte, na qual o conhecimento de Cristo traz a vida; por fim o batismo como um presságio de salvação.

“Echamoth é uma coisa e Echmmoth, outra, Echamoth é simplesmente sabedoria, mas Echmoth é a Sabedoria da morte, que é aquele que conhece a morte que é chamado de “pequena Sabedoria” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O evangelho de Felipe pag. 132.

“[...] o qual tem sido gerado através dele que [...] de Deus.

O [...] dos mortos. [...] para ser, mas agora [...] perfeito. [...] carne, mas esta [...] é a verdadeira carne. [...] não é verdade, mas [...] possui apenas uma imagem da verdade” Pag. 136.

“Se a mulher não foi separada do homem, ela não poderá morrer com o homem. Essa separação se torna o começo da morte. Por causa disso, cristo veio para reparar a separação, que estava desde o principio e novamente, unir os dois.” Pag. 137.

“Este mundo é um consumidor de cadáveres. Todas as coisas que consomem por si mesmo também morrem. A verdade é uma consumidora de vida. Logo ninguém que seja alimentado pela [verdade] morrerá. É daquele lugar que Jesus veio e trouxe o alimento. Aquele que desejam, ele deu [a vida, para que] não pudesse morrer.” Pag.138.

“[...] No lugar onde comerei todas as coisas e a árvore do Conhecimento. Aquela foi a que matou Adão, mas a árvore do Conhecimento daqui fez o homem viver. A lei era a árvore. Possui o poder de oferecer o conhecimento do bem e do mal.

Não livrou do mal. Nem o determinou ao bem, mas criou a morte, àqueles que dela comeram. [...] Pag.138

“Para purificar a água do batismo, Jesus esvaziou-a da morte. Por isso, somos mergulhados na água. Mas mergulhados na morte, para que não possamos ser desejados no espírito do mundo. [...]” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O evangelho de Felipe pag.139.

Se observarmos bem, nas entrelinhas destas passagens notaremos que este mundo, tem uma entonação de uma coisa do próprio mal, em que a vida no mundo parece ser uma coisa terrível. Na penúltima página temos uma que diz de outra causa da morte que tem similitude nos apócrifos, em especial, no testamento dos doze patriarcas.

”A ignorância é a mãe de [todos os males]. A ignorância causará a morte, pois aqueles que vêm da [ignorância] nunca foram, nunca [são] e nunca serão. [...] será perfeito quando toda a verdade for revelada.[...]” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O evangelho de Felipe pag.142.

No texto “*A hipóstase dos Arcontes*”; Pag: 144 da Biblioteca, basicamente conta fatos de uma doutrina ou prática baseada em fenômenos sobrenaturais do Gênesis, semelhante com o tratado sobre a ressurreição com um diálogo de conciliação helenística, com um corpo judaico, com traços cristãos e elementos do neoplatonismo; datado do século III e.C. Neste manuscrito tem somente uma passagem existente no gênese mencionado anteriormente, na qual, é a degustação proibida e do toque do fruto da árvore do conhecimento cuja desobediência trouxe a morte para todos.

No texto seguinte, “*Sobre a Origem do Mundo*”, pag: 152 da biblioteca contém um argumento belíssimo e explicativo do arquétipo da cosmologia e da criação, é um resumo das principais ideias gnósticas sobre cosmogonia, antropogonia, escatologia, com o principal objetivo de atrair mais adeptos. Escrito no início de século IV em grego tem como componentes maniqueístas, ideias cristãs, visão judaica, conceitos filosóficos juntando a mitologia grega e a helenística; porções de magia, astrologia e pensamentos egípcios. Apontando para Alexandria; lugar onde foi escrito todas as mitologias da cultura judaico-

cristã na época do exílio, no caso a Bíblia, de modo que, só a cronologia não bate com semelhança com a hipótese dos Arcontes também trata da árvore do conhecimento, a inveja como causa mortal. Surgiu uma Fênix, que é a condenação das autoridades do caos a morte, e por fim o aniquilamento dos tempos e o grito de morte da humanidade.

A criação da morte:

“Conseqüentemente, quando o primeiro pai do caos viu o seu filho Saboath, a glória em que ele estava, percebendo que era o soberano de todas as autoridades do caos, ele o invejou, e tendo se tornado irado, ele gerou a Morte de sua própria morte: ela (isto é, a Morte) se estabeleceu no sexto céu, desde que Saboath tinha sido retirado de lá. E, com isso, o número de seis autoridades do caos foi alcançado. Então, a Morte, sendo andrógena, se misturou com sua (própria) natureza e gerou sete frutos andróginos. Estes são os nomes dos masculinos: Inveja, Ira, choro, Suspiro, sofrimento, Lamentação e pranto Amargo. E estes são os nomes dos femininos: Ira, Dor, Cobiça, suspiro, Maldição, Amargura, Irascibilidade. Eles mantiveram relações sexuais entre eles, sendo que cada um gerou sete, gerando um total de quarenta e nove demônios andrógenos.

Os seus nomes e efeitos, tu encontraras no livro de Salomão”. A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. Sobre a Origem do mundo pag. 158.

Esta passagem é que fez estudar a respeito da morte pela forma brilhante e poética da explicação. Em outra passagem da pag. 164 a causa da existência da morte.

“[...] Uma enorme inveja foi trazida ao mundo somente por causa do homem imortal. [...] e por fim a fênix como um aniquilamento dos tempos e o próprio fim dos tempos.” Pag. 164

“E o germe que foi gerado da Fênix é também um ser humano. Está escrito (Ps 91:13 LXX) relacionado a isso, “o homem justo brotará como uma fênix”. E a fênix surgiu primeiro em um estado vivo, e morreu, e levantou-se novamente, sendo um sinal do que tem sido aparente na consumação do tempo.[...]. pag. 165. Antes da consumação [do tempo]. Todo o lugar tremerá com um grande trovão. Então os Soberanos se sentirão tristes, [...] a morte dele, Os anjos lamentarão pela humanidade, e os demônios chorarão sobre suas estações, e sua humanidade aguardada e gritará em sua morte.[...].” Pag.167.A biblioteca de Nag hammadi/

*James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006.
Sobre a Origem do mundo.*

No manuscrito intitulado “*O Evangelho dos Egípcios*” pag: 184 da Biblioteca que existe duas versões em Grego e copta, que tem uma conotação para uma salvação gnóstica e mitológica, com duas passagens sobre a morte; a primeira diz, sobre a condenação dos *aeons* e dos arcontes a morte o segundo, são os que nunca, provarão da morte, na qual, serão salvos através do batismo.

No texto gnóstico conhecido como “*O Eugnosto*” pag: 193 da biblioteca, no qual, é uma epistola formal, composta por um professor para seus alunos não cristãos, é como um tratado de revelação, com uma figura filosófica, paralelo ao texto “*A Sophia de Jesus Cristo*”, sendo uma escrita, também de revelação com perguntas e resposta com Salvador diretamente aos discípulos. O manuscrito “*Eugnosto*” é datado do século I da e.C. Na nossa pesquisa os dois manuscritos, têm um discurso da morte em que não há existência da morte depois que o salvador surgiu dos mortos; tornando-se imortal, um ser imortal que vive entre os mortais eternamente, na qual os homens que não conhece a diferença do perecível com o imperecível, o que quer dizer, os que vem da morte e do que não vem da morte, pois, os homens imortais não definharão, são perfeitos e imortais, e agora o homem que se torna imortal revela os Aeons, pela imortalidade e de Sophia.

No manuscrito, no qual, ele veio com um título chamado “*O Diálogo Do Salvador*” pag: 213 da biblioteca, isso porque sempre era chamado de Salvador ou senhor e nunca de Jesus ou Cristo, o texto é uma conversa com os discípulos com bases cristãs escrito em grego datado do século I, com a mesma natureza do evangelho de João e de Tomé, de modo que na pesquisa referida, existe somente um parágrafo que fala da morte, em contra partida, é melhor expor do que tentar explicá-lo:

(57) “*O [Mestre] disse, “[Tu me] perguntaste sobre um provérbio [...] que os olhos não viram [nem] tenho eu ouvido, exceto de ti. Entretanto eu vos digo que quando aquilo que revigora em homem é removido, ele será chamado de ‘morto’. E quando aquilo que é vivo deixa o que é morto, o que é vivo será chamado o mesmo*”.

(58) “*Judas disse, “Por que então, pelo amor da verdade, eles morrem e vivem?”*

(59) “O Mestre disse, “Tudo que nasce da verdade não morre. Tudo que nasce da mulher, morre. *A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O Dialogo do Salvador. Pag. 220.*

No texto gnóstico, demasiadamente eclético que difere do grego, “*O Apocalipse de Paulo*” pag: 223 da biblioteca contêm apenas uma frase sobre nossa pesquisa principalmente para a estética em uma teoria de mundos possíveis, uma existência do mundo dos mortos além de inúmeros céus, tanto quanto, um tribunal para julgamento e livros para os atos do tribunal, contudo, a teorias que defende que é Jesus é o juiz e advogado das almas. Onde podemos fantasiar todos os nossos pensamentos e conceitos.

Qual foi o pecado que eu cometi no mundo? O cobrador do portal que habita no quarto céu replicou. “Não foi correto cometer todos aqueles atos desregrados que estão no mundo dos mortos” a alma respondeu, dizendo, “trazei testemunhas! Permitai-las que vos mostrem em que corpo eu cometi os desregrados. [desejai] trazer um livro [pra ler]? A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O Apocalipse de Paulo. Pag. 225.

No “*Apocalipse de Adão*”, pag: 241 da Biblioteca de modo que, a narrativa é uma manifestação de três criaturas siderais narradas ao seu filho Seth, explicando-o o porquê da perda do conhecimento que tinha. Um texto gnóstico apocalíptico, que tem verossimilhança com o gênesis com a hipótese dos arcontes e o apocalipse de João, possivelmente ser do século I ou II e.C., contudo, o que nos interessa, primeiramente é a introdução de uma ideia de Adão está no sonho da morte, pelo dano causado pelo pecado, e que ele mesmo pensa está sob seu comando, mas está no comando da morte. Recebendo uma ordem para se levantar; das criaturas que são imortais, uma delas revela que é o próprio Deus criador. Em parágrafos a diante, Adão diz que o iluminador do conhecimento deixará árvores com frutos para salvar suas almas do julgo da morte, pois, para toda a criatura da terra, está abaixo da morte em que a própria terra está morta. E por fim, declara nas escrituras, em que as suas almas terão seu fim com a morte. Uma observação: esta declaração é gnóstica, nos dá uma interpretação de que a alma é mortal e não imortal como é dita nos evangelhos canônicos.

“[...] – deixar para si mesmo as arvores que geram frutos. E ele salvará suas almas do dia da morte. Pois toda a criação que veio da terra morta estará sob a autoridade da morte. [...] Pag. 245 “[...] Mas agora sabemos que nossas almas perecerão com a morte.” Pag. 247. A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O Apocalipse do Adão.

No manuscrito que é o terceiro tratado do códice VI o “*Ensinamento Autoritário*”, pag: 263 da Biblioteca, sua composição é uma coletânea metafórica da origem e a finalidade da alma, um espelho de outro texto da biblioteca, para se ter uma ideia das expressões metafóricas, a primeira encontrada sobre a morte, é introduzida no texto como uma coisa universal, também que ela mesma sempre vem acompanhada de indivíduos que podem ser naturais ou sobrenaturais, contidas na pág. 246 da biblioteca e do códice pág. 26 e 27, na página seguinte a metáfora da morte que está no alimento em que se prova a partir de então, está fígado como um peixe que é fígado pelo anzol, ou seja, coisas boas e prazerosas da vida e um alimento da morte, pág. 267, códice 30.

Nos comentários, em forma de dialogo, entre um iniciante chamado *Asclépio*, *Tat* e *Amon*, conhecidos de “*Asclépio*” relata atos parecidos com uma relação sexual, que por sua vez, tem haver uma relação entre dois seres é um discurso entre ímpio e o piedoso, e o homem que pode ser melhor que os deuses, podendo ser mortal e imortal. Escrito em grego, contendo uma versão completa em latim e outra em copta, o nosso objeto de estudo, a morte já nos parágrafos iniciais, coloca-se o conceito básico do homem, o ser mortal criado pelos deuses imortais, pela vontade deles, trouxe aos homens mortais a imortalidade, deixando ele com dupla natureza, homem mortal-imortal, com grande poder, ou seja, a imortalidade da alma humana, pela salvação. Nos parágrafos finais, uma breve explicação do uso do corpo, quando este corpo não suporta mais surge uma degradação, a morte do corpo não podendo haver qualquer temeridade disso, pois, o corpo é torturado e a alma possivelmente não morre. A não ser as enviadas pelo demônio.

“Asclépio, na grande cidade que está na montanha da [Líbia][...é aterrorizante... assim como o] grande [demônio, em questão de] ignorância da matéria. Pois a morte ocorre, [sendo ela] a dissolução dos labores do corpo, e (a dissolução do) número (do corpo), quando ela a (morte) completa o numero do corpo. Pois o numero é a união do corpo. Logo, o corpo morre quando não é mais capaz de suportar o homem. E isso é a morte: a

dissolução do corpo e a destruição da sensação do corpo. E não é necessário ficar com medo disso, nem por causa disso, e sim daquilo que não se conhece, sendo o descrente (aquele que teme).” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. Asclépio. Pag. 291 e 292.

A morte se apresenta no manuscrito chamado “*O apocalipse de Pedro*”; pag: 319 da biblioteca é uma obra da revelação gnóstico-cristã por Pedro, representado por Jesus Cristo em sua perseguição um texto apocalíptico do século III quando ortodoxia e heresia tinham uma distinção; Ha princípio nos escritos tem algumas pessoas e sacerdotes que iam ao encontro de Jesus e os apóstolos com intenções de matá-los, na qual, estes ignorantes ouvem e propagam o nome do morto (Jesus); ouvem que toda a alma não é mortal, principalmente as que adquirem o espírito intelectual, as que não vêm da verdade e da imortalidade, pois, é a mortal que vem dos desejos, são criaturas da matéria, trazendo a ruína para si conectada à morte, de modo que, a alma imortal não deseja as mesmas coisas que a mortal vivendo na fé uma imitação do homem morto (Jesus), contudo, a alma imortal tem muito a oferecer, enquanto o que não tem está completamente morto. Estas palavras têm uma interpretação de que não ocorre o perdão e a salvação das almas mortais, deixando clara a existência de almas imortais e mortais no mundo.

No próximo texto que é uma obra baseada na necessidade de repudiar as reflexões pagãs, persuadir e explicar a fé uma literatura cristã-helenísticas, porções bíblicas e judaicas e com conceitos antropológicos, éticos, teológicos platônicos e estóicos. Texto do século III e início do século VI, totalmente gnóstico, chamado de “*Os Ensinamentos de Silvanus*”, pag: 325 da biblioteca, de modo que, pela nossa pesquisa a morte se encontra em três pontos, no primeiro ela é retratada com uma causa e um efeito simultâneo, dos vícios, neste caso, os vícios da fornicção, ou seja, os pecados da carne ou mesmo da luxúria, na qual, essa morte causa uma vida animal no homem, uma perda da razão, no segundo, é erguer dos mortos os entes, dando-lhes a vida de novo, o iluminando novamente; no terceiro ponto, a morte de cristo veio para oferecer a vida a estes mortos. No Tratado dos “*Zoastrianos*” pag: 345 da Biblioteca é uma visão de como os gnósticos, faz união com o mundo mitológico com fundamentos filosóficos, com a base platônica para nosso interesse a morte surgiu com as almas mortais unindo-se com que morreu (Jesus) recebe a salvação, pois só ele com a sua mente imortal e a sua alma imortal, somente ele, quando penetra em um corpo e uma morte

que provém da mesma matéria se torna sem defeitos pois, estes, os julgamentos ignorantes que levam a morte, retirando das proximidades aquilo que pode alcançar, indo para luz (salvação), arredando das trevas.

“*A carta de Pedro a Felipe*” pag: 367 da biblioteca que é uma proposta gnóstica cristã, escrito no século II ou século III, com expressões gregas e traduzidas para o copta em papiro, de modo que, o anunciado principal é sobre o Pleroma que desceu em forma de mortal, não o conhecendo, tal que, pensavam que ele era mortal, por causa do fruto que tinha caído, falando com pai imperfeito e ouvindo-o como os apóstolos o - ouve, e tornando-se luz em torno dos homens mortais, contudo, o que se entende desses fatos escritos é que a morte desempenha o papel conhecido entre humanidade contemporânea, mas para se entender melhor o pleroma é nada mais do que Jesus na forma humana e que ninguém sabia o que ele erra, os homens pensavam que ela era um comum, na verdade estavam dialogando diretamente com o criador, no qual, Jesus pelo poder do pai torna os apóstolos em pessoas iluminadas diante dos outros homens. Nos últimos parágrafos Pedro revela como o salvador foi crucificado, morto e ressuscitado. Os gnósticos acreditavam na imperfeição de Deus.

“Nosso iluminador, Jesus, [desceu] e foi crucificado. E ele suportou uma coroa de espinhos. E ele colocou a vestimenta real. E ele foi [crucificado] em uma arvore e foi enterrado em uma sepultura. E ele se levantou dos mortos. [...]” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. A Carta de Pedro a Felipe. Pag. 372.

No manuscrito de “*Melquisedeque*”, pag: 373 da Biblioteca, que se encontra em um péssimo estado, todo em pedaços, e com menos de 50% do total, sendo que, não tem cópias do texto temos um conteúdo defeituoso, mas, para nós podemos tirar algum proveito do nosso dialogo, este tratado é um tratado apocalíptico judaico, escrito no século III de uma seita cristã conhecidos como melksedekianos; não era gnóstico, mas, com características gnósticas nos escritos; escrito em grego no Egito, na qual a morte aparece como um ser e ficando com muita ira, por causa de Jesus que levanta dos mortos, enganando ela e a destruindo, em algumas partes o entendimento parece obscuro por causa da fragmentação do texto, mas ajuda na pesquisa pois a morte vem como a vida e soberana neste tratado. Uma questão contraditória de vida e morte; entre vida e morte, a própria morte tem uma vida.

“[...] a Morte [estremecerá] e estará furiosa não somente por ela mesma, mas também seus [companheiros] arcontes soberanos do mundo [e] os principados e as autoridades, as deusas femininas e deuses masculinos, juntos com os arcanjos. [...]” A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. Melquisedeque. Pag. 375.

No tratado “*O Testemunho da Verdade*” pag:382 da Biblioteca,também muito fragmentado com danos e perdas levados muito em conta onde 50% foi perdido, é basicamente uma descrição da homilia e seus temas, um texto gnóstico cristão vindo de Alexandria do século II ou III, na qual a morte, a princípio, é tratada como o formato de ignorância, em que o filho do homem desceu ao inferno e trouxe muitos mortos das trevas à vida, de modo que, não encontrando pecado nele pois, ele curou muitos através de sua morte se tona um mártir, e para os que entrega a sua morte existe salvação, pelo amor de seu nome, parágrafos a diante, bastante fragmentado o que se percebe são as mentes imprecisas nos corações das pessoas que provavelmente morrerão, por meio do seu sacrifício estes mesmos morrem de maneira humana, entregando-se a morte e conquistando a vida eterna, em páginas seguintes, afirma se, que a vida e a morte estão dentro do filho do homem e sua existência é a partir de ambas, verossímil ao princípio científico. Contudo, no decorrer da homilia, alguns homens pensam estar recebendo a salvação, mas caem em desgraça recebendo de fato a morte para os que abandonam os que são bons e reverencia os ídolos que escreveram muitos outros livros. Por fim, alguns que são pegos pela morte e recebe benefícios pelo cruel Mamom, o pai da relação sexual.

O próximo texto, que tem uma pequena referência sobre a morte é o manuscrito chamado de “*A Interpretação do Conhecimento*”, pag: 401 da biblioteca é um texto onde os mestres gnósticos, usavam as escrituras do novo testamento e empregava nas homilias e em louvação dando o perdão dos pecados os libertando da morte. O manuscrito nos traz a princípio um mundo descrente um lugar de morte e pela imortalidade do filho, alguns andam no caminho pois, a alma só surge daqueles que morrerão. O contexto não traz muita clareza devido a fragmentação; nas páginas seguintes o que entende-se no contexto fragmentado é que através da virgindade ele retorna ou torna-se alguma coisa , e mata o vivo, pode estar dizendo de Jesus ou do criador; a seguir, alguns se apresenta como um mestre da imortalidade ensinando como se deve morrer, o contexto fica obscuro não consegue um

entendimento claro tudo indica é Jesus pelo início do parágrafo. Já no fim da homilia descreve que alguns que estão na igreja, pode estar para a morte e outros para a vida, e tem muitos que estão a procura destas almas para levá-la a morte. Pois quem não se recruza pertencerá ao demônio, mesmo que matem todas suas forças.

No penúltimo texto da biblioteca, onde a única relevância descritiva sobre a morte é o texto do século II chamado de “*Protenóia Trimorfa*”, pag: 432 da Biblioteca, texto da sabedoria judaica com pigmentos gnósticos, cristãos do início da metade do século II quase no fim do texto entoam uma analogia, em que a ideia de que as árvores, da qual crescemos, com frutos da ignorância, e o restante onde as folhas onde a morte habita, a escuridão está em sua sombra, cujos ramos é a luxuria, que através do Caos torna se um lugar de morada. Neste paradigma dá para entender que estamos encravados na morte e nos vícios na vida. A solução do paradigma esta quase no final do segundo subtítulo, em que através da luz que surgiu nos meios dos mortais, vindo de Sophia trazendo água para dar vida para os que estão na escuridão eterna do Caos, pois, a escuridão desaparecerá e a ignorância morrerá naquele que possuir os sete selos e o poder dos Arcontes (Jesus).

No último texto relevante é o manuscrito chamado “*O Evangelho de Maria*” pag 441 da biblioteca que é um diálogo com o salvador com os discípulos respondendo perguntas sobre os pecados, semelhante a cartas aos romanos versículo sete. São conselhos para não desviar do caminho da salvação, em outra parte do texto, tem uma revelação do salvador a Maria, na qual faltam algumas paginas exclusivamente está revelação, contendo somente o início e o fim. No *evangelho de Maria Madalena* é um diálogo gnóstico escrito em grego do século II muito fragmentado com uma cópia em copta de oito páginas das quatorze todos os encontrados alguns estão bastante fragmentados. Neste como tem pouco do manuscrito, também tem pouco da morte, mas tentaremos explicitar pouco do contexto. Como no início do texto o pecado é principalmente o de adultério, que torna-o doente e morre, que é o terceiro poder, no qual, no texto é tratada dele como a ignorância similar a outros textos da biblioteca, no evangelho de Maria aparece o quarto poder, através do terceiro, este poder é o aparecimento de tudo que é considerado sombrio chamado ira.

“Quando a alma havia superado o terceiro poder, ela subiu e viu o quarto poder, (que) tomou sete formas. A primeira forma é a escuridão, a segunda o desejo, a terceira a ignorância, a quarta e a excitação de morte, a quinta e o reino da carne, a sexta é a sabedoria inércia da carne, a sétima e a sabedoria colérica, este são os [poderes] da ira [...]” A biblioteca de Nag

hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O evangelho de Maria. Pag. 444.

Esta passagem fica redundante, porque, o terceiro poder é a ignorância dela surge os outros e a partir disso surge à própria ignorância, observa-se que o texto fica sem sentido lógico. Mas em todo o caso, os manuscritos são antigos em uma época de pouca escrita e literatura e conhecimento restrito, pouca ciência. Consideramos legítimos os manuscritos para o nosso enriquecimento conceitual. De mesmo modo os textos que não dizem sobre a morte mesmo aqueles que têm passagens pouco significativas para a nossa pesquisa, muito ricos para outras pesquisas, isto é, em um contexto em que a morte tem outra identidade, além do que ela já é, como a conhecemos, tanto da cultura e nos costumes contemporâneos, mesmo do nosso senso comum, como ela se apresenta nos manuscritos. Como no manuscrito chamado de “O trovão: *A Mente Perfeita*” pág: 255 da biblioteca, que tem uma única passagem que diz o seguinte: “*Eu sou aquela a quem chamam de vida, e que vós tendes chamado de Morte.*” Pag. 259. Somente uma troca de posição da Sophia, como também no manuscrito “*A Paráfrase de Shem*” pag: 293 da biblioteca, mas é na página 307 que descreve tudo aquilo que sabemos que leva para a morte, Mas aqui no texto tudo é tratado como a morte em si. No fim do texto pede a benção para os que se protegem da herança da morte.

“Ó Shem, eles são enganados por muito demônios, pensando que por meio do batismo com água suja, aquela que é escura, frágil, estagnada (e) perturbada eles irão se livrar dos pecados. E eles não sabem que da água para a água há o cativo, e o erro, e a luxúria, inveja, assassinato, adultério, falso testemunho, heresias, roubos, cobiças, fofocas, ira, amargura, grande [...] portanto, há muitas mortes que oprimem seus pensamentos. [...]”
A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. A Paráfrase de Shem. Pag. 308.

E pouco se diz a respeito da morte no manuscrito no “*O Segundo Tratado do Grande Set*”, pag: 311 da biblioteca, com duas passagens que não mudam a concepção de morte é simplesmente a morte como já conhecemos, “*eu realmente não morri com receio que o arcanjo se tornasse vazio*”. Pág. 313 e na página seguinte se refere a Jesus da seguinte forma:

“[...] , pois eles pregaram o homem deles na própria morte deles. [...]” ou como no manuscrito “ Uma Exposição Valentiniana ” (XI,2), um texto muito fragmentado que contém uma única passagem simples da morte em uma forma comum. “Não o bastante, [estes são aqueles que estavam] olhando para mim, estes que [...estes] que consideraram [...] a [morte]. Eles foram impedidos [...] dela e ela se arrependeu [e ela] suplicou ao Pai da [verdade], [...]”. A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006. O segundo tratado do gande seth (VII,2) pag: 313.

Por fim o texto chamado “As Sentenças de Sextus”pag: 426 da biblioteca, com apenas duas passagem significativas, contudo a forma também é simples nada muito diferente do comum. “O medo da [morte] aflige o homem por causa da ignorância da alma” Pag. 428, a segunda é bem similar a primeira. “É melhor morrer [do que] escurecer a alma por causa da falta de moderação da barriga.”Pag. 429. A biblioteca de Nag hammadi/ James M. Robinson: tradução Teodoro Lorent- São Paulo Ed. Madras, 2006.

O gnosticismo era um movimento pré-cristão enraizadas na própria cultura judaico-cristã, com entendimento dos termos em sua época, com produto mais rico e derivado do cristão. Onde podemos dizer que expressa opiniões opostas ou profundamente diferentes dos da maioria dos ortodoxos da época, em meio às constantes revoltas contra o império romano, perseguidos pelo exército do império e mais tarde combatidos até o fim pela igreja católica; não podemos desconsiderar os ritos os mitos encontrados em toda a biblioteca bem como nos manuscritos do Mar morto. Estes manuscritos podem ser altamente aproveitados para uma pesquisa cultural da época pré-cristã não só os mitos e ritos, mas, as crenças e o pensamento dos mestres gnósticos, sua cultura e ensinamentos. O gnosticismo tem uma importância fundamental, tratando-se de uma compreensão do fenômeno, isso foi percebido no colóquio de Messina na Sicília que Se reuniram estudiosos de todas as partes do mundo, onde foram definidos os termos para o gnosticismo, ficando clara a importância dos escritos gnósticos que era simplesmente tratado como uma heresia além da doutrina filosófica contida nos textos. <https://revistaforum.com.br/blogs/cinegnose/a-controversia-sobre-a-definicao-do-termo-gnosticismo/>

Conclusão:

O que me chamou a atenção para a pesquisa foi o pensamento que tinha antes, um pensamento advindo das tradições religiosas e dos antepassados, além do sentimento de medo da morte causa principal pela repulsa do tema, este é os pensamentos e o sentido da sociedade em geral, *o medo*, é o principal motivo, além do desconhecimento do tema, ter vários indivíduos que tem o desejo imenso de não querer morrer ou pelo menos prolongar a vida como se pudesse livrar-se do fenômeno. A curiosidade aumentou sobre o assunto ocorreu quando eu estava lendo os apócrifos da bíblia em busca de algumas respostas religiosas, nesta época, ainda fazia parte de um organismo religioso, dias que se passam, peguei emprestado o livro da biblioteca de *A biblioteca de Nag hammadi*, mencionada nos livros apócrifos, não só isso, pra atizar a curiosidade quando assisti a um filme de Hollywood que retrata a morte de uma forma mais benevolente, onde na história, o personagem se entrega a morte de bom grado como uma amiga.

O que tinha em mente antes de abordar o assunto da morte era tratar da maldade em Deus com *Jacob Boehme*, de forma necessária, mas abandonando este, o projeto da morte, teve forte influência quando vi pela primeira vez o livro "*A filosofia da morte*" então o projeto teve inclinação forte e dei início à pesquisa, dentro da pesquisa surgiram necessidades de abordar outros temas para explicar e especificar o surgimento dos costumes religiosos até *Nag hammadi*, a pesquisa foi produtiva e trouxe resultados relevantes, um relevante conhecimento do antes vida, o que é vida, se tem vida o antes dos espermatozóides e do óvulos, a morte em comunhão com a vida e morte fenomenológica e necessária, e pos-morte, que não é morte e sim o surgimento de novas vidas, que nada mais é o ciclo sem fim, o ciclo da vida, a supremacia da natureza.

Este trabalho explica, de forma breve, a trajetória e o significado deste fenômeno, pois, ela esclarece o indivíduo, nas tradições e do próprio nome "morte", ele pode deixar as pessoas mais entendidas diante do fenômeno, podendo encarar o fenômeno de frente, apesar de termos a continuidade do sentimento de medo devido nossas fraquezas humanas mas, com consciência e maior lucidez sobre o assunto, podendo passar até despercebido o dilema do *medo* da morte. Para falar de morte é necessário falar de vida, e do antes da vida, que para alguns, imagina-se que a inexistência de vida antes da fecundação, uma explicação simples deste processo vital. Depois da vida vem a pesquisa sem muitos detalhes dos costumes religiosos somente para mostrar um arquétipo de morte, ou seja, tipos de morte que foram escritos pelos antepassados da humanidade, contudo, para obter mais detalhes é necessário

uma pesquisa mais aprofundada; no rol da história da humanidade que pode delongar muitas páginas e tempo de pesquisa, tipo de pesquisa necessária para o nosso entendimento que possa trazer benefícios a todos, mas também pode causar malefício usados de forma irresponsável e vil, como se usa certos dogmas para benefício próprio para o poder. Como não poderia de mencionar uma breve introdução da cultura judaico-cristã, suas raízes e os predecessores na história para chegar aos escritos que a cultura deixou para nós, com toda esta trajetória chegamos aos evangelhos encontrados em *Nag hammadi* tirando dele exclusivamente toda a trajetória e arquétipos da morte trazidos nos livros, de modo que, a morte em *Nag hammadi* nos dá vários tipos de explicação como um castigo uma coisa do mal, uma coisa a ser entendida, até mesmo a falta de explicação, etc. Para o querido leitor, quando chega ao fim do trabalho pode ter dois tipos de sentimentos um de fé e repulsa dos fatos apresentados, um acolhimento e deslumbre por conhecer um pouco do fenômeno morte, passando ser um pontapé para outras pesquisas mais plausíveis e grandiosas no futuro.

Bibliografia:

James M. Robinson; A biblioteca de Nag hammadi/ tradução Teodoro Lorent- São Paulo. Ed. Madras, 2006.

A Origem do Cristianismo Karl Kautsky – Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira - Rio de Janeiro – Editora Civilização Brasileira 2010

A Historia da Civilização IV (A Idade da Fé) Will Durant – tradução: Mamede de Souza Freitas – Rio de Janeiro - Editora Record S.A.

As religiões da pré-história (lês religions de la préhistoire) Adré leroi-Gourhan - tradução: Maria Inês da franca Sousa ferro - edição 70 – Lisboa- 2007

Apócrifos III, os proscritos da bíblia Ed: Mercuryo Ltda., São Paulo, 1995, Tradução Maria Helena de Oliveira Tricca.

Steven Luper; *A filosofia da morte/ Tradução Cecília Bonamine. São Paulo: Madras 2010.*)

Oscar Martelo; *Os pergaminhos do mar morto/ Tradução Ciro Aquino. São Paulo. Ed. Planeta do Brasil, 2005.*

Elaine Pagels; *Os Evangelhos Gnosticos/ Tradução Luis torres fontes. Porto. Ed Via Óptima, 4ª edição 2006.*

Bíblia Sagrada/ Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Brasília. Ed. Canção Nova S.P. 8ª edição. 2008.

Norman Golb; *Quem escreveu os Manuscritos do Mar Morto?/ Tradução Sonia de Sousa Moreira. Rio de Janeiro. Ed. Imago. 1996.*

Ehrman, Bart D; *Evangelhos perdidos/ tradução de Eliziane Andrade Paiva ; revisão técnica de Marcos de Castro. Rio de Janeiro. Ed Record. 2012. 3ª edição.*

Bowker, John Westerdale; *Ossentidos da morte/ Tradução I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995*

Histologia Básica – L.C. Junqueira e José carneiro – oitava edição - editora Guanabara koogan S.A.- 1995 - Rio de Janeiro

Porque Não Sou Cristão e Outros Ensaio Sobre Religião e Assuntos Correlatos - Bertrand Russell – tradução de Ana Ban - Porto Alegre, RS : L&PM, 2013.

A História da Raça Humana – Através da biografia – Henry Thomas 5ª edição; tradução de Gilberto Miranda - Livraria do Globo- Porto Alegre: Globo, 1947.

As primeiras civilizações / Jaime Pinsky - 20.ed. Nova São Paulo: Contexto, 2001.

A magia egípcia: pedras, amuletos, fórmulas, nomes e cerimônias mágicas / E.A. Wallis Budge ; tradução: Lara Glaucia Ceciliato. São Paulo: Madras, 2003.

Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: ensaios acerca das interações culturais no mediterrâneo Antigo – Andre Leonardo Chevitarese e Gabriela Cornelli – São Paulo – Annablume, Fapesp, 2007.

Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo; do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na Vhina – A. kenneth Curti, J Stephen Lang e Randy Peterson; tradução Emerson Justino – São Paulo:Editora Vida, 2003

<https://revistaforum.com.br/blogs/cinegnose/a-controversia-sobre-a-definicao-do-termo-gnosticismo/>

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0.